

MARIA DO CARMO ROCHA MATOS

**O ACASO DO DISCURSO, O DISCURSO DO
ACASO: práticas de escrita de si nos *blogs***

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Letras da Universidade
Vale do Rio Verde de Três Corações -
UNINCOR, para a obtenção do título de
Mestre.

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Beatriz Maria Eckert-Hoff

À minha família por ter se mantido unida e na esperança de dias melhores

OFEREÇO

Ao meu querido irmão, Elias.
Minha admiração e respeito.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho só foi possível graças à colaboração de muitas pessoas. Agradeço, de modo especial, à Professora Dra. Beatriz Maria Ekert-Hoff pela orientação zelosa, pela solidariedade e amizade plantada. Ao Professor Dr. Luciano Novaes Vidon, que durante as aulas instigou-me a reflexões que deram origem a este trabalho. À Professora Dra. Geysa Silva pelo convívio, pela amizade e por não medir esforços em colaborar. Aos demais professores pelos ensinamentos e pela amizade. À Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR) e a todos os seus funcionários. Ao professor MSc. Antônio Fonseca por ser quem primeiro ensinou-me a ser uma analista do discurso. Aos colegas, em especial, Cleise, João Guerra, Lourdinha e Valéria pelo convívio e amizade. Ao Centro Universitário de Caratinga-UNEC, pelo incentivo e ajuda financeira. Ao coordenador dos cursos de Licenciatura em Matemática e Computação do UNEC, professor MSc Hernani Miranda, pela amizade e colaboração. Aos meus colegas de trabalho da rede pública de ensino de Cel Fabriciano e Ipatinga pelo incentivo e compreensão.

Meu especial agradecimento ao meu esposo pelo apoio incondicional, pelas dúvidas e experiências compartilhadas. Aos meus filhos, Lucas e Felipe, pela confiança, carinho e compreensão. Aos meus pais (in-memória) que me ensinaram as coisas primeiras e as mais importantes. À minha sogra por ser o meu porto seguro na ausência-presença de meus pais. Aos meus irmãos, pelo carinho e colaboração, em especial tia Rose e tia Sú, pelos cuidados com os sobrinhos. Aos cunhados e cunhadas pelo incentivo. Ao Ladilson, por alegrar as nossas vidas e ser o avô de meus filhos.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para o meu êxito acadêmico e profissional, a minha gratidão.

“Todo trabalho importante – deves ter sentido em ti mesmo – exerce uma influência moral. O esforço para concentrar uma determinada matéria e dar-lhe uma forma harmoniosa, eu o comparo a uma pedra atirada em nossa vida interior: o primeiro círculo é um estreito, mas se multiplica, e outros círculos mais amplos se destacam.”

Nietzsche

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	6
RESUMO	7
ABSTRACT	8
INTRODUÇÃO	9
1 ARCABOUÇO TEÓRICO	12
1.1 Língua, sujeito, discurso.....	12
1.2 Construindo identidades	16
1.3 O ciberespaço e o exibicionismo de identidades	19
1.4 As condições de produção do discurso.....	21
2 A EMERGÊNCIA DOS <i>BLOGS</i> COMO FENÔMENO DE ESCRITA	26
2.1 Um breve relato da “outra metade da humanidade”- A escritura de si	26
2.2 A atividade de escrita nos <i>blogs</i>	31
2.3 O que é um <i>blog</i>	33
2.3.1 A origem dos <i>blogs</i>	35
2.3.2 <i>Blog</i> : espaço virtual público democrático?.....	38
2.3.3 O que se pode dizer em um <i>blog</i>	41
2.3.4 Uma classificação para os <i>blogs</i>	43
2.3.5 Filtros de notícias	44
2.3.6 Filtro temático	44
2.3.7 <i>Blogs</i> como diários íntimos	45
2.4 Estudo da tipologia dos <i>blogs</i> relativos à pesquisa	45
2.4.1 O recorte do material	46
2.4.2 Apresentação dos <i>blogs</i>	48
3 IDENTIDADES E PRÁTICAS DISCURSIVAS	57
3.1 Discurso: lugar de des(construções).....	57
3.2 O castelo cor de rosa.....	62
3.3 A procura pelo(a) outro(a): de mulher para mulher?.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
ANEXO	80

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	<i>Blog</i> Íris Mussi, Coisas minhas.....	48
FIGURA 2	<i>Blog</i> Nossa História	50
FIGURA 3	<i>Blog</i> Minha História de Emagrecimento.....	52
FIGURA 4	<i>Blog</i> Isabella O sonho mais lindo	53
FIGURA 5	<i>Blog</i> Três em Uma	54

RESUMO

MATOS, Maria do Carmo Rocha. **O acaso do discurso, o discurso do acaso: práticas de escrita de si nos *blogs***. 2007. 81 p. (Dissertação – Mestrado em Letras). Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR – Três Corações-MG¹.

Os *blogs*, os chamados diários virtuais, digitais ou *on line*, surgiram com a invenção dos computadores e da rede mundial consolidada na Internet, possibilitando novas formas de interação social. A rapidez com que se espalharam pelo mundo afora e a diversidade de usos que as pessoas fazem dos mesmos têm causado espanto até mesmo em especialistas experientes dos meios de comunicação. A partir dessas constatações, este trabalho busca investigar a dimensão lingüístico-discursiva constitutiva das práticas de escrita que emergem neste contexto de produção do discurso. A atividade de falar de si visa à busca pelo outro como um trabalho permanente na construção de novas identidades.

Palavras-chave: *blog*; computador; internet; escrita; discurso; identidade.

¹ Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Beatriz Maria Eckert-Hoff – UNINCOR.

ABSTRACT

MATOS, Maria do Carmo Rocha. **O acaso do discurso, o discurso do acaso: práticas de escrita de si nos *blogs***. 2007. 81 p. (Dissertation - Master Degree in Arts). Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR – Três Corações-MG².

The blogs, also called “virtual, digital or on line journals”, appeared with the computers invention and the world network creation turning it into the Internet, making possible new ways to use the writing to communicate to any other. Considering the speed they have spread throughout the world and the diversity of uses, the blogs have caused surprising even on specialized experts from media. Starting these facts, this work aims to investigate the linguistic-discursive dimension of writing practices that take place in this discourse production context. The activity of speaking of the self aims at the search of the other as permanent work in the construction of new identity.

Key Words: blog; computer; internet; writing; Discourse Analysis; identity.

² Advisor: Prof^ª. Dr^ª. Beatriz Maria Eckert-Hoff – UNINCOR.

INTRODUÇÃO

O advento da tecnologia digital e o seu intenso desenvolvimento alavancado pela criação da Internet favoreceram o surgimento de um ambiente propício à aparição de novas práticas discursivas na sociedade. A necessidade de comunicação, que é inerente à condição humana, faz com que o homem procure ilimitadamente formas de interação com o *outro*; buscando nesse *outro* o preenchimento de um vazio ocasionado pela sua subjetividade. A atividade de linguagem, sendo uma capacidade cognitiva dos indivíduos, acompanha o desenvolvimento da sociedade em seus aspectos sociais, políticos e culturais, fornecendo um extrato da forma de comportamento de seus usuários. Concordamos com Bakhtin³ quando ele afirma que “a palavra é capaz de registrar as fases mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais”. Essa maneira de pensar gerou em nós a busca pela compreensão da (inter) relação que se estabelece em torno das redes de interação social surgidas no contexto da mídia virtual, especificamente nos chamados *blogs*.

Assim, este trabalho visa à reflexão e pesquisa da tarefa de escrita em *blogs*, conhecidos também como “diários digitais, virtuais ou *on-line*”. Os *blogs* tiveram seu surgimento bastante recente e ainda carecem de trabalhos que dêem atenção particular à tarefa de seus escreventes. Os “blogueiros”, como são comumente conhecidos, lançam mão de aportes sógnicos variados como efeitos sonoros, ícones animados, palavras e até mesmo exposição de fotografias pessoais num intuito de ganhar visibilidade. O cotidiano, a intimidade, os relatos pessoais são expostos no espaço público oferecido pelos *blogs*, numa tentativa feita pelos sujeitos de conseguir entrar em uma certa “ordem do discurso”.

Desta maneira, a influência das idéias do filósofo Michel Foucault é importante em nossas análises, considerando o lugar ocupado pelo sujeito na *ordem do discurso*⁴ ao produzir um enunciado, o discurso enquanto *acontecimento*⁵, a noção de ideologia, compreendida como relação de poder-saber que permeiam os discursos. Ainda vale a pena salientar a inegável contribuição dos estudos de Michel Pêcheux, no que diz respeito aos conceitos de *condição de produção*⁶ do discurso, bem como a noção de *sujeito* e *discurso* para a discussão realizada no nosso trabalho.

³ BAKHTIN, 2004, p. 41.

⁴ FOUCAULT, 1996, p. 7.

⁵ FOUCAULT, 1996, p. 51.

PÊCHEUX, 1969, 1990.

⁶ PÊCHEUX, 1990.

É importante lembrar que julgamos necessário fazer menção ao escritor russo Mikhail Bakhtin, bem como estabelecer um breve diálogo com o seu pensamento por entender que suas propostas serviram para a constituição das bases epistemológicas da Análise do Discurso de linha francesa, a qual nos filiamos. Bakhtin seguiu o caminho aberto por Saussure, ao reconhecer a língua como um fato social fundado na necessidade de comunicação, mas por outro lado discorda do mesmo ao ver a língua “como algo concreto, fruto da manifestação individual de cada falante, valorizando dessa forma a fala”⁷. Parte-se de uma reflexão juntamente com Bakhtin a noção da composição heterogênea dos gêneros do discurso, bem como a relação dialógica do locutor com o *outro* ao emitir um enunciado.

Os objetivos estabelecidos aqui são de caráter mais geral e buscam explicitar o modo que o sujeito escrevente de *blogs* utiliza para se manter visível no espaço público que são, a saber:

- a) Identificar as estratégias de linguagem utilizadas por escreventes de *blogs* na constituição de identidades através da busca pelo *outro*.
- b) b) Explicitar a relação entre a necessidade de criar um *blog* e a *interdição* que atinge o discurso de si (das mulheres) nas sociedades ao longo dos tempos.
- c) Investigar as *condições de produção* do discurso levando em conta este modelo de escrita.
- d) Compreender as diferentes *formações discursivas* que atravessam o discurso das escreventes nesta categoria.
- e) Analisar a tarefa de escrita nos *blogs* enquanto *acontecimentos discursivos*.
- f) Compreender as relações de *vontade de verdade* que permeiam a produção do discurso em tal contexto de produção.

Para uma melhor organização do trabalho, o capítulo 1 é consagrado à problematização teórica relacionada à língua, discurso e sujeito, as *condições de produção do discurso*, a noção de dialogismo em Bakhtin e as questões relacionadas à construção de identidades.

O capítulo 2 é destinado à justificativa da escolha do tema, a um relato breve do papel da mulher na sociedade numa perspectiva histórica, relacionando o seu “lugar” na sociedade com a sua produção literária, especificamente a escritura de si; ao balanço do que já foi pesquisado por outros estudiosos a respeito dos *blogs*; à reflexão sobre a natureza constitutiva dos *blogs*. É destinado ainda à classificação do material da pesquisa, ao estabelecimento de

⁷ BRANDÃO, s/d, p. 9

uma tipologia para os blogs; à definição da metodologia da coleta dos dados e, por último, apresentação dos *blogs* estudados.

O capítulo 3 visa ao exame das *condições de produção* do discurso, à compreensão das diferentes *formações discursivas* presentes nas falas das escreventes, ao estudo das estratégias discursivas utilizadas pelas escreventes de *blogs* na tarefa de construção de identidades, à análise do funcionamento dos tipos discursivos bem como a presença de marcas lingüísticas que apontam para a busca de um *outro* do sexo feminino.

Nas Considerações finais é direcionado o balanço do que foi realizado no trabalho, apontando possíveis pontos de chegada.

CAPÍTULO 1

ARCABOUÇO TEÓRICO

Neste capítulo buscamos refletir a relação entre língua (materialidade) e discurso (linguagem em ação), como lugar de constituição dos sujeitos e dos sentidos através da inscrição na história. A partir dessa reflexão, tentamos compreender o caráter heterogêneo dos discursos e dos sujeitos, sendo que o último é um lugar vazio a ser preenchido por diferentes indivíduos no interior do discurso. Discorremos ainda sobre as questões de identidade, buscando mostrar que as mesmas são diversas, “cambiantes”, “descentradas”, fragmentadas⁸, mas que, principalmente, são construídas a partir das diferenças⁹, mostrando que as mudanças ocasionadas pelo mundo moderno globalizado geram identidades fluidas¹⁰. Paralelamente, a desterritorialização¹¹ ocasionada pelo advento da chamada “globalização” envolve a inter-relação de questões de ordem econômica, social e cultural, suscitando discussões sobre as diferentes posições de sujeito ocupadas por um único indivíduo exigindo que este “assuma diferentes identidades, ocasionando conflitos e tensões”¹².

1.1. Língua, sujeito, discurso

Na tarefa de investigação da escrita nos *blogs*, parece-nos relevante colocar como questão os modos de subjetivação do “eu” criados pelos sujeitos escreventes fundados na necessidade de exercer um trabalho constante de re(criação) de novas identidades. Segundo Hall (2000a, p. 9), “um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas do final do século XX”. Essas transformações estão alterando diretamente as convicções sobre uma forma fixa das identidades, fazendo com que estas sejam re(pensadas) a todo instante. Sendo assim, podemos dizer que as identidades são provisórias e estão abertas a negociações, sempre que surge uma necessidade emergente devido às condições históricas vivenciadas pelos sujeitos. Deste modo, é preciso insistir que o discurso é o lugar onde se materializam as lutas e confrontos travados pelos sujeitos toda vez que são compelidos a assumir diferentes posições de sujeitos de acordo com as circunstâncias dadas. A partir dessas constatações podemos afirmar, juntamente com Pêcheux (1995), interpretado por Brandão

⁸ HALL, 2000a, p. 7.

⁹ KATHRYN WOODWARD, ([1997]200).

¹⁰ ZYGMUNT BAUMAN, 2005, p. 76.

¹¹ IANNI, 2002.

¹² ERNESTO LACLAU (1990) (Apud HALL, 2000 a, p. 17).

(2004, p.35), que “os processos discursivos constituem fonte da produção dos efeitos de sentido no discurso e a língua é o lugar material em que se realizam os efeitos de sentido”.

A língua, para retomar os termos de Orlandi (2001, p. 100-101), é a instância na qual o sujeito se inscreve no simbólico para se constituir como tal. Como mostra a autora, do trabalho operante da “ideologia na relação com a linguagem”, através da inscrição na história é que o sujeito é chamado a existir. Essa visão sobre a função-sujeito é produtiva na medida em que pensamos, juntamente com Orlandi (2001, p.1001) que a “identidade não deixa ver que esta resulta da identificação-interpelação do sujeito”. Desenvolvendo essa reflexão é possível relacionar a noção de construção de identidades com os modos de subjetivação do “eu” descritos pelas “teorias pós-estruturalistas em que vê o sujeito descentrado¹³”, não como ser único, que tudo sabe, origem e fonte de sentido, mas como um sujeito que é produzido historicamente no interior do discurso. Sujeito que assume identidades que não estão organizadas em torno de um “eu” coerente. Na concepção materialista, o sujeito não é concebido, nem numa visão formalista, como o sujeito ideal; nem numa visão subjetivista, psicologizante, que o coloca no centro do sentido, senhor do seu dizer. Para a orientação materialista o sujeito é constituído pelo discurso, num confronto entre o lingüístico e o histórico¹⁴. O sujeito é destituído do domínio do que diz, de um sentido que escapa a sua intencionalidade. Sendo assim, o lugar de sujeito se constitui por “um sujeito-efeito, não coincidente consigo mesmo e destituído do domínio de um sentido que lhe é irrepresentável [...] (AUTHIER-REVUZ, 2001, p.188-189)”.

Nessa perspectiva, conforme Authier-Revuz (1998, p.186), o sujeito é entendido como “efeito de linguagem, advém dividido, na forma de uma não-coincidência consigo mesmo”, mas clivado pela alteridade. Clément (1973, apud Brandão, 2004, p. 54), coaduna com essa orientação ao explicar que “o avesso é a pontuação do inconsciente; não é um outro discurso, mas o discurso do outro: isto é, o mesmo, mas tomado ao avesso, em seu avesso.” Na visão foucaultiana, de acordo com a interpretação de Gregolin (2004, p.133), o sujeito é produzido historicamente no interior do discurso e pelos meios de subjetivação exercidos pelos aparatos tecnológicos que existem, os quais produzem o “sujeito individual”. Essa visão nos serve de instrumento de análise dos *blogs* uma vez que, no caso dos *blogs* que fazem parte do material de nossa pesquisa, a atividade de escrita apresenta-se como uma ação de falar de si propiciada pelo surgimento dos computadores e das redes digitais. É possível dizer que o suporte

¹³GRIGOLETTO, 2007. Comunicado em palestra.

¹⁴GRIGOLETTO, 2007. Comunicado em palestra.

material, o computador, seja um dos aparatos tecnológicos mais eficientes na promoção do “sujeito individual” na modernidade.

Essa *microfísica* se materializa no olhar vigilante que, do interior das instituições (regulamentos minuciosos, inspeções e controle sobre o corpo que tomam forma nas escolas, prisões, quartéis e etc) ganha prolongamento social nas ações da vida cotidiana (GREGOLIN, 2004, p. 132).

Vale a pena salientar que não queremos dizer com isso que o computador seja uma instituição reguladora dos discursos, mas chamar a atenção para a inter-relação das questões sócio-históricas da contemporaneidade com uma nova forma de subjetivação do sujeito, o “sujeito individual”. De acordo com a interpretação que Komesu (2005b, p. 51-52) faz do texto de Scchittine (2004):

A confusão entre a esfera pública e a esfera privada é justificada, dentre outros fatores, por questões sociais como o aumento do desemprego, a maior difusão do trabalho informal [...] e a necessidade de “ter tempo para si”. [...] O usuário imagina ter encontrado esse tempo para si no uso do computador pessoal e da internet. Devido ao suporte material, há o “desdobramento” do tempo em um “ambiente” que permite às pessoas trabalharem e cumprirem suas obrigações diárias com a família e os amigos, além de cuidarem de seus próprios interesses.

Essa visão de Scchittine (2004) nos ajuda a compreender o fenômeno de escrita nos *blogs* como uma possibilidade de assumir as diferentes posições de sujeitos encontradas pelos usuários do computador e da internet. Através da prática de manter um *blog on-line* (ou até mesmo mais que um), cria-se a ilusão da possibilidade de ação do “sujeito individual” fora de uma zona de conflitos.

Na perspectiva dos estudos lingüístico-discursivos, Althier-Revuz (1998), durante sua reflexão no campo da enunciação, mostra a relação da linguagem com a sua exterioridade, dando lugar às “não-coincidências do dizer”. Segundo a estudiosa, a língua está sujeita à dimensão da falha, da falta. Tomando como referência o dialogismo bakhtiniano, Authier-Revuz (1998, p. 22-23) argumenta que “**toda palavra** que, por se produzir no ‘meio’ do já-dito dos outros discursos, é habitada pelo discurso outro” (grifos no original).

Nessa mesma direção, Orlandi (2001) afirma que a língua não é um sistema fechado em si mesmo, mas está aberta ao equívoco.

A língua é capaz da falha. Essa possibilidade –a da falha –é constitutiva da ordem simbólica. Por seu lado, o equívoco já é fato de discurso, ou seja, é a inscrição da língua (capaz de falha) na história que produz o equívoco. Este se dá, portanto no funcionamento da ideologia e/ou do inconsciente. O equívoco é a falha da língua, na história (ORLANDI, 2001, p. 102-103).

Ao analisar as questões ligadas ao objeto da análise de discurso, ou seja, o discurso, Orlandi (2001, p. 99) argumenta que “sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, na articulação da língua com a história”. Em sua análise, “não há nem sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua”. A possibilidade de subjetivação do sujeito consiste de sua relação com o simbólico, se assujeitando à língua na história (ORLANDI 2001, p.102). Na visão da autora, da inter-relação entre língua e ideologia na história para a produção do sentido, é que o sujeito é constituído.

Ao se pensar a articulação entre língua e ideologia na produção do sujeito e do sentido é preciso ter em mente o discurso que, de acordo com Orlandi (2003, p.15), “é assim palavra em movimento, prática de linguagem [...] A análise de discurso, procura compreender a língua fazendo sentido [...]”.

Nessa mesma direção, Pêcheux (1990), ao analisar o enunciado “on a gagné” [“Ganhamos”], proferido pelo povo nas ruas de Paris em ocasião da vitória de François Mitterrand nas eleições para presidente da França em 1981, chama a atenção para as mudanças ocorridas no cenário político a partir do surgimento das novas tecnologias na pós-modernidade, especificamente, “a grande máquina televisiva” (PÊCHEUX, 1990, p.19). Segundo o autor, a vitória de F. Mitterrand pode ser entendida como um fato lógico que se evidencia com a porcentagem de votos por ele obtida. Paralelamente, o enunciado “on a gagné” é “profundamente opaco” em sua materialidade lingüística, ficando, pois, os sentidos imersos “em uma rede de associações implícitas [...]” (PÊCHEUX, 1990, p. 23).

Os sentidos em funcionamentos advindos do enunciado em questão só podem emergir a partir das relações entre *intradiscurso* e *interdiscurso*, fazendo aparecer no “fio do discurso” as marcas da “memória discursiva” (GREGOLIN, 2004, p. 157). O discurso em sua singularidade de *acontecimento* se realiza “no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 1990, p.17). O discurso é ao mesmo tempo ligado à estrutura e ao acontecimento. O acontecimento é o fato novo que se acrescenta, é efeito de sentido. Pêcheux (1990, p.50-51) salienta ainda o caráter heterogêneo da língua, uma vez que a mesma está aberta à falha, à falta, ao equívoco próprio da ordem do simbólico. Ao mesmo tempo o teórico argumenta que o discurso é atravessado por um “discurso-outro”, no sentido de haver a possibilidade de atualização, deslizos, de “erro de pessoa”, o que significa que “não há ponto de identificação plenamente bem sucedida” (PÊCHEUX, 1990, p.55). Nessa mesma orientação cabe dizer que o discurso é efeito de linguagem, é prática e não funciona num plano linear, mas está aberto à re(interpretação), à contradição no momento em que é colocado em funcionamento. A re(configuração) do sentido realiza-se como uma prática

singular, constituindo-se em forma de *acontecimentos discursivos*, sendo ainda possível dizer que “ninguém pode estar seguro de ‘saber do que fala’” (PÊCHEUX, 1990, p.55). Isso implica pensar que os discursos trazem em seu interior ressonâncias de outros discursos.

Essa visão, de alguma maneira, contém reflexos do pensamento de Bakhtin (1997), no que se refere ao modo de conceber os discursos, como um movimento dialógico de um discurso em consonância com outros discursos. De acordo com Brandão (2004, p.53), o dialogismo em Bakhtin tem uma “dupla orientação”: de um lado é voltado para os “outros discursos”, de outro, voltado “para a interlocução – o destinatário”. Nas palavras do próprio autor, “um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear¹⁵”.

Sabemos que a questão teórica central de Bakhtin é a língua, em sua articulação com o lingüístico e o histórico, numa perspectiva que se leve em consideração a interação social nas diversas “áreas da comunicação verbal¹⁶”. O teórico vê a língua como um “[...] código ideológico de comunicação, [...] arena onde se desenvolve a luta de classes¹⁷”. Em face dessas reflexões, podemos dizer que o pensamento bakhtiniano tem um papel importante para a Análise do Discurso em seu modo de se constituir enquanto disciplina.

Por último, vale ressaltar ainda que na visão de Bakhtin “a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma¹⁸”. Essas reflexões nos servirão de trilha para pensarmos ainda as questões subseqüentes relativas à identidade do sujeito.

1.2. Construindo identidades

“A globalização tende a desenraizar
as coisas, as gentes, e as idéias”
(Octavio Ianni)

A compreensão das questões de identidade perpassa de antemão uma discussão teórica das transformações ocorridas no mundo nos últimos tempos, especialmente nos tempos da pós-modernidade. Como explica Coracini (2006, p.133), “A terminologia encontrada – pós-modernidade, modernidade tardia, hiper-modernidade, super-modernidade – não é consensual com relação à consecutividade cronológica, isto é, que se trata de um momento posterior à

¹⁵ BAKHTIN, 1997, p. 319.

¹⁶ BAKHTIN, 1997, p. 324.

¹⁷ BAKHTIN, 2004, p. 46.

¹⁸ BAKHTIN, 2004, p. 41.

modernidade”. As “novas” configurações ou, as constantes mudanças nas configurações do cenário da economia, da cultura e da política se perfazem num permanente deslocamento dos limites, das fronteiras conhecidas na modernidade.

Nesse sentido, vale trazer as palavras de Bauman (2005, p.57), ao afirmar que:

Estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluida”. E os fluidos são assim chamados porque não conseguem manter a mesma forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças.

Os efeitos perceptíveis dos “deslocamentos”, ocasionados pela globalização, produzem uma permanente re(construção) das identidades. Liquidifica-se o tempo, o lugar, o real, o imaginário, as culturas gerando novas formas de sociabilização, novas relações no mundo do trabalho e no lazer. Esses deslocamentos influenciam ainda a des(construção) do “mundo imaginário” e do “mundo real”. Sabemos que o sistema conhecido nos dias de hoje como globalização teve o seu início muito antes, desde as primeiras navegações. Mas esse movimento é recriado, principalmente com o desenvolvimento das tecnologias, como nos ensina Ianni (2002, p. 92): “os fios da teia global são os computadores, as máquinas de reprodução fac-similar, satélites, monitores, para altas decisões, todos vinculando planejadores, engenheiros, contratantes, licenciadores e negociadores por todo o mundo.”

Depois da chegada dos tempos que podemos convencionalmente chamar de pós-moderno, a segunda metade do século XX, ocorreu um intenso avanço tecnológico dos meios de comunicação. A mídia veio prestar-se a um importante papel para o capitalismo moderno¹⁹, no sentido de aliciar as massas para o consumo. As propagandas têm sido fortes aliadas na criação da necessidade de consumir, ou melhor, de pertencer. No imaginário da massa de consumidores, o que ecoa é a necessidade de possuir embalada pelo discurso das propagandas de que o sujeito, na forma de indivíduo, carece da real necessidade dos bens de consumo produzidos pelo sistema capitalista moderno, como atesta Coracini (2002, p. 135):

É o hedonismo a mola-mestra dos tempos atuais: a vida é curta, precisamos aproveitar; o importante é curtir o momento presente sem grandes compromissos com o futuro, sobretudo se eles puderem trazer riscos para a garantia de felicidade, ainda que efêmera.

Concordamos com essa visão, mas tentaremos ampliar essa discussão num esforço de mostrar uma estreita relação dessa vontade de consumir para ter prazer, com a questão da

¹⁹ Conforme CORACINI (2006, p. 135) refere-se ao momento posterior à década de 50, instante em que “expande o consumo de massa para as classes menos favorecidas [...]”

construção de identidades. Por outro lado, para os indivíduos se transformarem em sujeitos de um grupo é preciso adquirir os paramentos que simbolizam o ritual de pertencimento. Em muitos casos, principalmente em grupos de adolescentes, esses símbolos se manifestam na indumentária. Vestir a marca [X], significa estar em conformidade com as regras do grupo, determinando a sua aceitabilidade ou não-aceitabilidade. Possuir um determinado objeto significa prazer, mas acima de tudo identidade, pertencimento. Ao mesmo tempo em que as diferenças estão contidas na identidade, como nos esclarece Hall (2000, p.109), “têm a ver não tanto com as questões ‘quem nós somos’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar [...]’”

Nos dias atuais assistimos à agitação das pessoas, em especial em trocar os aparelhos celulares toda vez que os fabricantes lançam novos modelos no mercado. Nem sempre a explicação para tal atitude se justifica pela real necessidade de se comunicar, mas muito mais pela necessidade de pertencer: possuir o modelo [X] significa alcançar os “valores” imputados ao mesmo, o que faz com que indivíduo e produto se misturem causando uma confusão: “este aparelho é a minha cara” ou “eu tenho a cara deste aparelho”. Esses pontos de identificação entre o produto e o indivíduo foram cuidadosamente negociados entre fabricante e marketing e amplamente divulgados pela mídia. Assim, o dito “preciso ter para ser” entra em cena, evidenciando as relações de poder, fazendo com que fique marcada a diferença: a diferença entre o “ter” versus o “não ter” suscita um problema de identidade no sentido que nos explica Woodward (2000, p.10): “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social”, ou seja, a identidade de um indivíduo pode ser virtualmente des(construída), valendo-se das atitudes que o mesmo toma para pertencer a um determinado grupo social: o tipo de música que ouve, os hábitos alimentares, o vestuário, a sua fala, os lugares que frequenta, sua postura política, dentre outros.

A partir dos estudos de Woodward (2000), buscamos compreender como os sistemas de classificação atuam nas práticas sociais e na organização da vida cotidiana, na produção de significados. Essa classificação visa à criação de mecanismos que estabelecem ordem na sociedade. Woodward (2000) apresenta argumentos de diferentes teóricos como o sociólogo francês Émile Durkheim, o antropólogo Lévi-Strauss, um dos pensadores centrais do estruturalismo, e a antropóloga britânica Mary Douglas, para explicitar a idéia de como os processos simbólicos atuam, evidenciando sempre a existência de uma relação binária entre as coisas: nós só podemos fazer a definição de uma palavra em relação a outra, de um objeto em

relação a outro. “Nossa compreensão dos conceitos depende de nossa capacidade de vê-los como fazendo parte de uma seqüência”²⁰.

Já a feminista francesa Hélène Cixous (apud WOODWARD, 2000, p. 50) vai um pouco além, argumentando que nessa oposição binária, o poder sempre é distribuído de modo desigual e “que nesse dualismo um dos termos é sempre mais valorizado que o outro: um é a norma e o outro é o ‘outro’” – visto como o desviante ou de fora. De acordo com Woodward (2000), Cixous mostra que essas divisões estão diretamente ligadas às questões de gênero. Os diálogos realizados por Woodward com diferentes teóricos servem para nos ajudar a compreender que as identidades são construídas numa negociação entre o “eu” em relação ao “outro”. Essas diferenças estão contidas na atividade de construção de identidades dos sujeitos. Para a construção das identidades é preciso que haja diferenças: Assim como depende da diferença, a diferença depende da identidade. “Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (SILVA, 2000, p. 75).

1.3. O ciberespaço e o exibicionismo de identidades

É fato que a internet tem alterado continuamente o modo de vida em sociedade, especialmente no que diz respeito à maneira das pessoas se relacionarem com as outras e consigo. Por outro lado não podemos deixar toda a responsabilidade por tantas transformações unicamente a cargo da descoberta da tecnologia da grande rede, a www. Como sabemos, desde as primeiras invenções na área das comunicações, o mundo vem passando por mudanças constantes em sua maneira de se organizar, gerando um fenômeno que alguns teóricos chamam de sociedade global ou desterritorialização²¹.

Mas em tempos nenhum a humanidade havia experimentado com tanta intensidade as transformações ocasionadas pelo desenvolvimento tecnológico como as ocorridas nesse final de século XX. A tecnocultura faz com que o tempo, as fronteiras que delimitam os espaços físicos sejam repensadas a cada instante configurando-se num ambiente social complexo, pluralista e em mutação permanentemente. Em outras palavras:

A virtualização, passagem à problemática, deslocamento do ser para a questão, é algo que necessariamente põe em causa a identidade clássica, pensamento apoiado em definições, determinações, exclusões, inclusões e terceiros excluídos. Por isso a virtualização é sempre heterogênea, devir outro, processo de acolhimento da alteridade (LÉVY, 1996. p. 25).

²⁰ WOODWARD, 2000, p. 46.

²¹ IANNI, 2002; LÉVY, 1996.

A contribuição do teórico Pierre Lévy nos ajuda em nossa tentativa de compreender o ambiente virtual, ou seja, a internet como lugar ou o não-lugar de subjetivação do sujeito. No âmbito da cultura contemporânea mundial é cada vez mais exigente a aprendizagem de como lidar com as mudanças, os deslocamentos, as fragmentações e os modos alternativos de se posicionar como sujeito. Isto faz com que as identidades adquiram um caráter transitório, uma vez que na sociedade “líquida moderna”, o fato de se apegar a uma única identidade seria como que ficar desconectado da realidade social. Tudo isto nos faz pensar no “mito do ciborgue” de Haraway (2000). Para a autora:

Um mundo de ciborgues pode significar realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas não temam uma estreita afinidade com animais e máquinas, que não temam identidades permanentemente parciais e posições contraditórias. A luta política consiste em ver a partir de ambas as perspectivas ao mesmo tempo, porque cada uma delas revela tanto dominações quanto possibilidades que seriam inimagináveis a partir do outro ponto de vista (HARAWAY, 2000, p. 51).

Baumam (2005, p. 94-95) parece ser simpático a essa maneira de pensar as relações sociais e, conseqüentemente, as questões de identidade na realidade da vida moderna. Na visão do autor, em um mundo global “todos nós dependemos uns dos outros” e os caminhos para uma possível solução dos efeitos negativos causados pela globalização ou pelo “mundo de ciborgues” advém de atitudes éticas pensadas globalmente. Neste sentido compreendemos que a internet vem se configurando como um aparato tecnológico de subjetivação dos sujeitos modernos, onde é possível se manterem no isolamento e, ao mesmo tempo em que “anseiam por conexão – eles parecem ter uma inclinação natural para uma política de frente unida, mas sem o partido de vanguarda.” (HARAWAY, 2000, p. 44). Visto desta maneira, o não-lugar, ou em outras palavras, a virtualização do espaço, do tempo, dos sujeitos provoca uma multiplicidade de oportunidades de auto-invenção do “eu”. Essa visão faz-nos refletir sobre a escrita no *blog* como um modo de constituição dos sujeitos através da linguagem, num jogo de fabricação de identidades.

Ainda é importante lembrar que o processo constitutivo de identidades evidenciado na escrita destes diários virtuais pode ser compreendido “no interior de uma lógica agonística”, como nos esclarece Grigoletto (2006, p. 16). Tal prática revela o caráter contraditório e conflituoso que marca a busca pela construção de identidades, como buscamos discutir na seção de análise do *corpus*.

1.4. As condições de produção do discurso

Para delinear o conceito de *condições de produção* do discurso, doravante (CP), retomamos o diálogo com Michel Pêcheux, em especial no que se refere a sua obra denominada *Análise Automática do Discurso* (1969). Para Pêcheux, o sujeito, ao produzir um discurso sempre leva em consideração:

O lugar de ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador: sua habilidade de imaginar, de preceder o ouvinte é, às vezes, decisiva se ele sabe prever, em tempo hábil, onde este ouvinte o “espera”. Esta antecipação *do que o outro vai pensar* parece constitutiva de qualquer discurso(PÊCHEUX, 1997, p. 77). (grifos no original).

Neste sentido, tomando como base os lugares imaginários ocupados pelo sujeito e por seu interlocutor “na estrutura de uma formação social”, o sujeito, ao se enunciar, utiliza de estratégias discursivas que são atravessadas pelas formações sociais e relações de classe apresentadas por Marx no materialismo histórico.²² Esse trabalho de antecipação realizado pelo locutor faz com que o mesmo mobilize recursos lingüístico-discursivos ao estabelecer uma interação com o *outro*, na busca de alcançar determinados objetivos ao se enunciar. Para o que nos interessa, essa formulação teórica das *condições de produção* do discurso em Pêcheux é fundamental para o nosso trabalho visto que a escrita nos *blogs* tem como principal função a sedução de um número, o quanto maior de leitores possíveis. O escrevente quer se fazer ver, quase sempre a qualquer custo. Para alcançar este objetivo, seu discurso parece ser sempre fundado em estratégias lingüístico-discursivas que pressupõem o “lugar imaginário” ocupado por si e pelo seu interlocutor ao se dizer nos *blogs*.

Por outro lado, essas formulações teóricas feitas por Pêcheux, sobre as CPs, foram criticadas por outros teóricos. Segundo Courtine (1981) (apud BRANDÃO, 2004, p. 36):

Essa tentativa de definição da noção de CP, esboçada por Pêcheux, não rompe, entretanto, com as origens psicossociológicas já assinaladas na fase anterior. Para ele, “os termos ‘imagem’ ou ‘formação imaginária’ poderiam perfeitamente ser substituídos pela noção de ‘papel’ tal como é utilizada nas ‘teorias do papel’ herdadas da sociologia funcionalista de Parsons ou ainda do interacionismo psicossociológico de Goffman.”²³

²² GREGOLIN, 2004, p. 42-43.

²³ BRANDÃO 2004, p. 37.

As observações feitas por Courtine a respeito da noção das CP, formulada por Pêcheux, chamam a atenção para o esvaziamento da inter-relação entre discurso, História e os sujeitos na geração de sentidos. Nessa visão, ainda de acordo com Courtine, interpretado por Brandão (2004, p. 37), pode ocorrer o equívoco de pensar os sujeitos como fonte de origem do sentido, enquanto que “na verdade, não são, senão o portador ou o efeito”. Coaduna-se com essas reflexões, Komesu (2005b), pesquisadora dos fenômenos da escrita em *blogs* numa perspectiva dos estudos lingüísticos. A estudiosa reforça a crítica feita por Courtine e acrescenta que:

De um lado, corre-se o risco de interpretar a noção de condições de produção como circunstância ou contexto, o que levaria a um apagamento da dimensão histórica da linguagem; de outro; o analista pode enveredar por discussões que não lhe cabe esquadrihar, em busca de explicações psicológicas, sociológicas ou históricas para as questões lingüísticas levantadas (KOMESU 2005b, p. 39).

Na tentativa de prosseguir com as discussões da noção de CP feita por Pêcheux, faz-se necessário, primeiramente, a apropriação de alguns conceitos desenvolvidos por Foucault. Na visão de Gregolin (2004, p. 94), Foucault não tem uma teoria lingüística, mesmo porque, como ressalta a autora, o próprio filósofo diz que seu objetivo não foi estudar a língua, mas sim o discurso, muito embora Foucault não tenha se mantido indiferente às questões teóricas da linguagem. Seu pensamento provocou “diálogos/duelos teóricos (nunca tranqüilos)” travados com Michel Pêcheux, os quais serviram de base para a construção de uma teoria do discurso “que propôs um novo olhar para o sentido, o sujeito e a História” (GREGOLIN, 2004, p. 13). É importante ressaltar ainda que suas idéias têm servido de fundamentos teórico-metodológicos para diversos estudos científicos, em diferentes áreas do conhecimento humano. As críticas feitas por Courtine aos estudos de Pêcheux, principalmente no que se refere ao seu conceito de CP, descrito no texto denominado *Análise Automática do Discurso* (1969), tiveram como suporte teórico os estudos foucaultianos. Segundo Gregolin (2004, p. 155):

Courtine (1981) tem papel central nessa “leitura sem filtro” que passará a ser feita da obra de Foucault. Em sua intervenção no colóquio *Materialités Discursives*, ele critica a noção de formação discursiva desenvolvida por Pêcheux, considerando-a “muito fechada” e propõe, a partir de Foucault, pensá-la como “fronteiras que se deslocam”.

A tentativa de compreensão da noção da CPs formulado por Pêcheux abre caminhos para a avaliação das propostas de Foucault para se pensar o discurso, o sujeito e a História. Tais conceitos são importantes para o presente trabalho no sentido do esforço empreendido

por nós em tentar entender os diversos modos de subjetivação humana na nossa cultura contemporânea, os quais estão presentes nas práticas de escrita nos *blogs*. Desta forma, alinhamos essas perspectivas à nossa hipótese de que os *blogs*, os chamados diários virtuais, se constituem como um espaço para práticas discursivas próprias de um sujeito em determinadas *condições históricas*²⁴. Num esforço de reflexão, à luz das idéias do filósofo Michel Foucault, postulamos que o sujeito dos chamados tempos modernos se confronta com forças coercivas e antagônicas advindas das diferentes formas de poderes estabelecidas e cristalizadas nas relações sociais. Estas formas de lutas travadas pelos sujeitos são dissimuladas pela busca da construção de novas identidades, como modos de subjetivação. O trabalho que objetiva a busca permanente de identidade pode ser compreendido como o efeito das formas de poder globalizante que descentra o sujeito agora em indivíduo. Segundo Foucault (1972) (Apud GREGOLIN, 2004, p. 137-138):

Desenvolve-se uma tática individualizante, característica de toda uma série de poderes múltiplos (da família, da medicina, da psiquiatria, da educação, dos empregadores, etc.) cujo objetivo principal é o de forjar representações de subjetividades e de impor formas de individualidades. [...] o problema que se nos coloca na modernidade não é o de tentar libertar o indivíduo do Estado e de suas instituições, mas o de libertá-lo das representações de individualização criadas pelo poder globalizador.

Esta visão nos serve de instrumento de análise no sentido de que o exame dos excertos dos *blogs*, relativos ao recorte de nossa pesquisa, evidencia um sujeito escrevente que procura incessantemente novos modos de subjetivação. Essa necessidade se manifesta, muitas das vezes, na criação e manutenção de mais de um *blog* pela mesma escrevente²⁵. As diversas posições de sujeito que o sujeito bloguista é chamado a ocupar causam disputas e promovem conflitos ligados às questões de identidade.

Sabemos que a preocupação central das investigações de Michel Foucault é o *sujeito* no sentido de não ser aquele que coincide com o “autor da formulação”, mas como um “lugar vazio” que pode vir a “ser ocupado por diferentes indivíduos” (FOUCAULT, 1972, p. 119). Deste modo o sujeito é constituído historicamente, através das práticas discursivas, cujo discurso é atravessado pela dispersão e pela descontinuidade do sujeito. O sujeito “não é estabelecido por uma consciência idêntica a si”, mas crivado pela heterogeneidade (FOUCAULT, 1972, p. 69-70). Para ele, os estudos discursivos devem considerar, primeiramente, a compreensão do enunciado dentro de “sua estreiteza e singularidade de seu

²⁴ FOUCAULT, 1972, p. 59.

²⁵ Usamos a expressão no gênero feminino, devido ao fato de que os sujeitos escreventes dos *blogs* que compõem o material de nossa pesquisa se identificam como sendo do sexo feminino.

*acontecimento*²⁶”, sendo necessário uma ruptura com a *tradição*²⁷ que concebia a história como um discurso de um contínuo que “remete às origens como *fontes de sentido*²⁸”. Ainda de acordo com Foucault (1972, p. 36), o enunciado possui um caráter dialógico, remetendo a uma materialidade localizada em uma memória do passado, um “já-dito” articulando-se com “um não-dito”. O enunciado possui “uma materialidade; é único mas está aberto à repetição e se liga ao passado e ao futuro” (FOUCAULT, apud GREGOLIN, 2004, p. 88)”. São essas regras que determinam o seu caráter de *acontecimento discursivo*.

Já a problemática do enunciado, considerando a sua condição de singularidade é ao mesmo tempo “em seu modo de ser singular (nem inteiramente lingüístico, nem exclusivamente material), indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, ato de linguagem” (FOUCAULT, 1972, p. 108). O que se coloca como questão é a sua função, o que o torna possível enquanto unidade elementar, em um espaço temporal determinado, proferido por “um sujeito em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado”, como nos esclarece Gregolin (2004, p. 89), parafraseando Foucault. Neste sentido, o enunciado seria uma unidade básica na constituição do discurso. Esse último por sua vez, pode ser compreendido como um conjunto de enunciados de origem de uma mesma *formação discursiva*²⁹.

A concepção de discurso em Foucault (1972) é vista enquanto descontinuidade, algo não-linear, feito de rupturas que fazem emergir em sua superfície a dispersão no sentido de abarcar em sua tessitura elementos que não estão interligados por um princípio de unidade. Deste modo:

Seria preciso caracterizar e individualizar a coexistência desses enunciados dispersos e heterogêneos; o sistema que rege a sua repartição, o apoio que dão uns aos outros, a maneira pela qual se implicam ou se excluem, a transformação que sofrem, o jogo de seu revezamento, de sua posição e de sua substituição (FOUCAULT, 1972, p. 47).

Na proposta de Foucault, a compreensão da *formação discursiva* consiste da descrição dos enunciados que a constitui, sendo ainda tarefa da análise do discurso realizar o desvendamento do funcionamento das “famílias de enunciados”.

No caso que se pudesse descrever, entre um certo número de enunciados, semelhantes sistemas de dispersão, no caso em que entre os objetos, os tipos de

²⁶ FOUCAULT, 1972, p. 39.

²⁷ Referimo-nos à História tradicional que se ocupava das narrativas de heróis e “grandes eventos”. Estes fatos causaram a inquietação de alguns historiadores nas décadas de 1910 e 1920, que lideram um movimento de renovação conhecido como “Nova História” (GREGOLIN, 2004, p. 160-161).

²⁸ KOMESU, 2005b, p. 41

²⁹ FOUCAULT, 1972, p. 43.

enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se poderia definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), dir-se-á, por convenção, que trata-se de uma formação discursiva (FOUCAULT, 1972, p. 51).

Ao pensar a noção de *formação discursiva*, Foucault (1972, p. 54-55) busca encontrar os objetos do discurso, as condições históricas para o seu surgimento e quais “superfícies de emergência” possibilitam o seu aparecimento. O autor mostra que as regras que fazem emergir os “objetos do discurso” não são as mesmas nas diversas sociedades, em épocas diferentes, nos diferentes tipos de discursos. De acordo com a visão de Foucault (1972), em que o discurso é compreendido como descontinuidade, ruptura, e o enunciado como singularidade, pode-se depreender dessas formulações que é próprio do enunciado a constituição e a delimitação das *formações discursivas*. Essa “conceituação tem caráter teórico-metodológico e institui o território da História como o campo das formações discursivas: nelas se encontram o discurso, o sujeito e o sentido” (GREGOLIN, 2004, p. 90-91). Os discursos encontram-se nas *instâncias de delimitação* das instituições como a medicina, a justiça, a crítica literária, a autoridade religiosa, como exemplifica Foucault (1972, p. 56). Ainda de acordo com essa mesma visão, é através da instituição que com o seu “saber e prática, como competência reconhecida pela opinião pública” que define, nomeia e elege os objetos dos discursos e as formas de seu aparecimento. “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1996, p. 9). Para dizer, para falar, é preciso entrar na “ordem do discurso”.

No capítulo 2 apresentamos a justificativa da escolha do tema, fizemos um relato breve do papel da mulher na sociedade, focando a sua produção literária no que se refere à escritura de si. Realizamos um balanço do que já foi pesquisado por outros estudiosos a respeito dos *blogs*, refletimos sobre a natureza constitutiva dos *blogs*, buscando compreender como o surgimento do computador e da rede mundial consolidada na Internet afetaram a maneira das pessoas se relacionarem na sociedade da chamada pós-modernidade. Fizemos ainda a classificação do material pesquisado, o estabelecimento de uma tipologia para os *blogs*, definimos a metodologia da coleta de dados e, por fim, a apresentação dos *blogs* estudados.

CAPÍTULO 2

A EMERGÊNCIA DOS *BLOGS* COMO FENÔMENO DE ESCRITA

O crescimento rápido do uso dos *blogs* como canal mundial de interação tem atraído a atenção de especialistas dos meios de comunicação em diversas partes do mundo. Desde o surgimento dos primeiros diários virtuais, no final da década de 90, até os dias atuais, usuários da internet do mundo inteiro tem encontrado as mais diversas explicações para se criar e manter um desses diários on line. A emergência dos *blogs* como fenômeno de escrita gerou em nós a busca pelo conhecimento de seu funcionamento e a que finalidades se prestam. Fato curioso que chamou a nossa atenção para a escolha dos *blogs* que compõe o *corpus* da pesquisa, especificamente, foi o pretexto encontrado por escreventes mulheres para falarem de si: a escrita dos filhos.

Antes de tentarmos conhecer a blogosfera, tínhamos um pré-conceito de que o espaço *blog* era usado para falar de qualquer assunto. Porém, não tínhamos a idéia de que, mesmo sem ter nada para se falar, as pessoas falam: falam do nada. Mais curioso ainda foi o fato de que as escreventes em questão usam os filhos como motivo para se manterem falando (mesmo sem ter o que dizer). Na busca de desvendar os motivos que ocasionam o fenômeno é que buscamos realizar esta pesquisa.

Qualquer tentativa de compreensão da atividade de escrita do sujeito mulher nas sociedades, faz-se necessário, antes de tudo, trazer à memória, ainda que de forma sucinta, o papel da mulher na literatura ao longo dos tempos. É possível que essa reflexão, com o auxílio dos estudos históricos, sirva de instrumento para se pensar o lugar ocupado pelo ser feminino nas sociedades. Suspeitamos que a função social relegada à mulher historicamente, possa ter influenciado, de alguma forma, a sua produção escrita.

2.1. Um breve relato da “outra metade da humanidade”³⁰ - A escritura de si

A partir de um movimento de renovação na concepção dos estudos históricos que surgiu no início do século XX e ficou conhecido como “nova História”, percebeu-se a urgência em dar voz à heterogeneidade das ações humanas. Deste modo, em vez de ocupar apenas das narrativas heróicas, dos grandes feitos e dos grandes homens como se fazia a história tradicional, surgem diferentes frentes de estudos que buscam resgatar e contar a história do cotidiano de pessoas comuns, de seres humanos concretos, pertencentes às classes

³⁰ MARTINHO (2006, p. 48) ao se referir ao sujeito mulher.

inferiores e oprimidas. Para dar conta desta nova tarefa era preciso ainda da ajuda de outras áreas do saber humano, configurando-se na necessidade de problematizar o sujeito humano na coletividade. Em meio a esses novos objetos de estudos emerge a importância de se resgatar a história das mulheres.

Como aponta Soihet (1997, p. 276), as mulheres não foram de imediato incorporadas aos estudos historiográficos, mas com o surgimento do movimento feminista nos anos 60 houve um avanço significativo das pesquisas sobre as mesmas.

Existe um grande número de estudos que chamam a atenção para a relação entre história e vida cotidiana e que nos ajuda a compreender o papel das mulheres na sociedade ao longo dos tempos. Como mostra Del Priore (1997, p.268):

A emergência do capitalismo instaura um novo processo de divisão do trabalho em múltiplos níveis; mas a fundamental é a divisão entre homens e mulheres, vinculando os primeiros a esfera da produção, da vida pública e os constituindo em “chefes de família” e fixando as mulheres a esfera doméstica enquanto mães de família.

Mas mesmo antes da explosão do modelo capitalista observa-se nas práticas culturais e no imaginário patriarcal a tentativa de se fixar o lugar da mulher na vida cotidiana privada. “A presença da mulher tem se definido como corolário do protagonismo masculino. Na maior parte dos casos em que ela surge na cena, [...] é sempre aquela configuração imaginária – ídolo, Madona, musa sedutora, bruxa...”³¹ apagando a presença da “mulher real”. Basta um olhar atento para os registros históricos tradicionais numa perspectiva analítica discursiva que se descobre fatos relevantes sobre as mulheres: as mesmas são desvalorizadas a séculos, desde “os textos bíblicos, nos comentários dos Pais da Igreja, no discurso medieval, nos manuais de caça às bruxas[...]”, até o fato evidenciado de que “os arquivos guardam somente documentos masculinos”³².

Como vimos não é difícil de entender que, diante da subordinação das mulheres aos ditames de uma sociedade patriarcal, pouco se saiba sobre seus escritos. Como afirma Silva (apud Gotlib on line):

Não temos acesso direto ao discurso feminino senão tardiamente no século XIX e até então temos de nos contentar em conhecer os desejos, vontades, queixas ou decisões das mulheres através da linguagem formal dos documentos ou petições, manejada pelos homens. A linguagem masculina dos procuradores e advogados sobrepõe-se, deformando-a, a uma linguagem feminina original e inatingível.

³¹ MARTINHO, 2006, p. 48.

³² MARTINHO, 2006, p. 48.

Porém, com as mudanças ocorridas no início do século XX, principalmente aquelas ocasionadas no mundo trabalho, ocasião em que as mulheres começaram a deixar os lares em direção ao mercado de trabalho, cria-se um clima favorável para a sua libertação da condição de inferioridade ao homem.

No Brasil, suas vozes começaram a ecoar através de protestos de mulheres como Chysanthème (pseudônimo de Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos) na *Revista Feminina*, em 1920, pedindo direito de igualdade com o homem³³. Além disso, as mudanças ocorridas nas cidades pela chegada de “imigrantes, de egressos da escravidão, de representantes das elites”, propiciando a convivência de várias linguagens, provoca o surgimento de um novo ambiente urbano, como mostra Maluf e Mott (2001, p. 371). Diante desse novo cenário surgem discursos conservadores sobre as mulheres de “diferentes matizes [...] que acabou por desumanizá-las como sujeitos históricos [...] e reduziram ao máximo suas atividades e aspirações, até encaixá-la no papel de “rainha do lar”, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa³⁴”.

Com a dicotomia entre público e privado ocorrida no final do século XIX, onde às mulheres ficou reservado o “recôndito do lar” e aos homens os demais espaços públicos, a escrita de ambos reflete diretamente seus domínios vivenciados.

Para o que nos interessa, a escrita de si de mulheres, Oliveira (2002, p. 48) nos esclarece que “as descobertas de Freud sobre o consciente e a natureza do inconsciente, associadas ao desenvolvimento do Romantismo como elemento cultural [...] favoreceram o hábito de uma maior investigação e reflexão interiores”.

Foucault (1997), em seu texto “A escrita de si” discute a origem dos modos de falar de si, desde a antiguidade na cultura greco-romana. Para o autor, a escrita funcionava como um modo de movimentação do “eu”, ou nas palavras do mesmo “a escrita dos movimentos interiores, como uma arma de combate espiritual³⁵”. Neste sentido a escrita já era concebida como um modo de exercício do “eu”. Os hypomnemata “que podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda” e poderiam ser usados como arma de combate “para se lutar contra este ou aquele defeito (como a cólera, a inveja, a tagarelice, a bajulação)...” (FOUCAULT, 1997, p. 135). Como explica o autor (p.137), os hypomnemata perfazem em “veículo desta subjetivação do discurso”, mas, “não devem ser entendidos como diários íntimos”.

³³MALUF e MOTT, 2001, p. 370-371.

³⁴MALUF e MOTT, 2001, p. 373.

³⁵FOUCAULT, 1997, p. 131.

Neste momento vale a pena tentar compreender a noção de sujeito do Iluminismo descrito por Hall (2000^a) como advindo de um mundo racional em que o Homem é visto como um ser autônomo, senhor de si, o sujeito cartesiano (“Penso, logo existo”), conhecido como sujeito da modernidade. A partir de então é possível dizer que o sujeito encontra a sua forma individual. Segundo Hall (2000a, p. 25) ocorre então “o nascimento do indivíduo”.

Essa noção é produtiva na medida em que nos ajuda a compreender a ênfase que obteve a escrita de si na modernidade. Como vimos em Foucault (1997) a escrita de si teve a sua origem muito antes, na cultura greco-romana, porém na modernidade:

As possibilidades de diálogo com o próprio eu abrem espaços de experiência social e privada. Os pensamentos, os devaneios, as fantasias e as ações são, agora, problematizados, tendo como referência um “mergulho” em si mesmo. O espaço do subjetivo abarca o homem moderno, invade-o não podendo dele escapar. É esse espaço que o marca como singular, que o constitui, apesar de semelhante como radicalmente diverso dos demais (TEIXEIRA, 2003).

Sendo assim, na modernidade os gêneros como a escrita autobiográfica, os diários, o auto-retrato, as memórias, as entrevistas alcançaram um maior êxito. (LEJEUNE apud TEIXEIRA, 2003). O homem vê-se frente a si próprio, uma vez que pela crítica racional ele pode se observar e se inquirir. É convidado a experimentar a sua individualidade e a sua identidade é única, coincidente com o seu “eu”. Com a modernidade o indivíduo se viu desamparado das explicações de sua existência a partir do divino e se sente diante do dilema de se autoconhecer. A escritura de si funciona como um espelho que possibilita se enxergar pelo avesso.

A partir desse momento, diários tornaram-se local onde o hábito de inquirir e refletir sobre si mesmo terminava se realizando. Coincidentemente, é também a partir dessa conjunção que diários começam a ser associados a escrita de mulheres. (OLIVEIRA, 2002, p. 48).

Talvez a prática de diarismo, juntamente os outros gêneros que lhes são semelhantes sejam os que mais se apropriaram como espaços de movimentação dos discursivos femininos a partir da modernidade. Não porque as mulheres não fossem capazes de escrever outros gêneros literários, ou que não o fizesse. Mas, principalmente com a separação público/privado, masculino/feminino, as mulheres se sentiram desencorajadas a escreverem para audiências públicas. A escrita para audiência pública seria uma tarefa masculina.³⁶ Além disso, a crítica literária era uma atividade ligada ao sexo masculino, sendo possível pensar que

³⁶ GIANNET (Apud OLIVEIRA, 2002, p. 49).

“as produções femininas eram desvalorizadas quando da adoção dos critérios de publicação, especialmente no que diz respeito ao conteúdo dos escritos de mulheres”.³⁷ Como lembra Oliveira (2002, p. 50), “embora no imaginário popular os diários íntimos estejam diretamente ligados às mulheres, a tradição publicizada desse gênero de escrita foi, ao longo dos séculos, predominantemente marcada pelos homens”.

A forma depreciativa com que a escrita de mulheres tem sido tratada historicamente traduz-se em um poderoso mecanismo de *interdição*³⁸ de seu discurso, garantindo ao homem o domínio hegemônico da esfera pública. Isso significa uma tentativa de manter o controle máximo sobre as mulheres, impedindo que tenham acesso à educação e à política, principalmente, uma vez que seriam os meios de reivindicação de igualdade de direitos.

Diários de mulheres passaram a ganhar destaque mais recentemente, sendo a maior parte deles publicados no século XX³⁹. Esse momento coincide com “uma série de rupturas causadas nos discursos do conhecimento moderno⁴⁰”. Pensando apenas nas descobertas de Freud sobre o inconsciente, em que os processos psíquicos simbólicos do inconsciente funcionam numa lógica muito diferente daquela da Razão, arrasa o sujeito cartesiano⁴¹.

A partir de agora é preciso pensar no sujeito, não mais como idêntico a si mesmo, mas constituído através do olhar do outro. O outro é o seu espelho. A noção de sujeito previamente constituído possuidor de uma identidade unificada está fragmentado. Estamos agora diante do sujeito pós-moderno.

As mulheres conseguem avanços significativos através do questionamento do movimento feminista da “clássica distinção entre o ‘dentro’ e o ‘fora’, o ‘privado’ e o ‘público’”⁴². O dizer de si das mulheres, se caracteriza como um lugar no qual o sujeito tenta se definir ao mesmo tempo em que denuncia os mitos sobre sua identidade que povoam o imaginário social⁴³. Os seus escritos são localizados em um lugar que não se permite pensar a identidade como sendo unificada. Nem todos os papéis na sociedade servem a todas as mulheres já que não se aceitam mais como sujeitos generalizados.

Por meio dos estudos históricos é possível evidenciar as desigualdades que as mulheres enfrentavam e ainda enfrentam na estrutura social. Neste sentido não seria forçoso dizer que o espaço discursivo propiciados por gêneros textuais como cartas, autobiografias,

³⁷ OLIVEIRA, 2002, p. 50-51.

³⁸ FOUCAULT, 1996, p. 9.

³⁹ OLIVEIRA, 2002, p. 52.

⁴⁰ HALL, 2000a, p. 34.

⁴¹ HALL, 2000a, p. 36.

⁴² HALL, 2000a, p. 45.

⁴³ TEIXEIRA, 2003.

memórias e diários, (devido natureza constitutiva dos mesmos) comportassem (de uma maneira geral) a fala das mulheres. Acreditamos que esses espaços de (se)dizer não foram/são suficientes para dar voz as mulheres. O que tentamos dizer é que, com os “procedimento de *exclusão*”⁴⁴, que atingem o discurso das mulheres e, diante da impossibilidade de se emudecerem, se apossam dos meios possíveis para se fazerem ouvir.

É possível dizer que os *blogs*, entendido por Marcuschi (2005) como um gênero textual emergente, surgido no contexto da tecnologia digital, vêm se configurando como um novo espaço discursivo social democrático, no sentido de abarcarem as vozes femininas. Homens e mulheres têm acesso de maneira igualitária. Como veremos neste capítulo, qualquer pessoa que tenha acesso à tecnologia do computador e da internet pode criar um *blog*. Pois atualmente existem inúmeros softwares próprios para isto e são de uso gratuito.

2.2. A atividade de escrita nos *blogs*

O estudo dos *blogs*, como fenômeno de escrita, levando em conta o seu funcionamento lingüístico-discursivo numa concepção dialógica e sócio-histórica da linguagem, é uma atividade relativamente recente nos meios acadêmicos, carecendo ainda de estudos. Como será possível constatar no desenvolvimento do presente capítulo, o crescimento deste tipo de escrita entre os usuários da internet tem causado espanto até mesmo em profissionais mais experientes dos meios de comunicação existentes. Isso porque a própria atividade de escrita em *blogs* é emergente nas sociedades.

No ano de 2005, quando começamos pesquisar os *blogs*, não existiam muitos estudos sobre os mesmos. Encontramos algumas pesquisas sobre *blogs*, porém numa perspectiva teórico-metodológica orientada para as ciências da comunicação e informação. A exemplo, citemos os estudos desenvolvidos por Raquel da Cunha Recuero na UFRGS com os seguintes temas:

- Redes sociais na Internet: Considerações iniciais (2004)
- Warblogs: Os Blogs, a Guerra do Iraque e o Jornalismo Online (2003)
- Weblogs, webrings e comunidades virtuais (2002)

Embora Recuero analise os *blogs* ou *weblogs* como espaços discursivos, a autora utiliza os conceitos referentes à linguagem e discurso com a finalidade de contextualizar a sua

⁴⁴FOUCAULT, 1996, p. 9.

pesquisa, sem realizar um exame mais profundo de como se concretiza a interação nesse meio de comunicação numa perspectiva lingüístico-discursiva.

Nesta mesma orientação temos a dissertação de mestrado de Oliveira (2002), na UFBA “Diários públicos, mundos privados: Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade” e “A evolução dos ciberdiários e a simplificação das interfaces (2003)” Em sua pesquisa da dissertação, a estudiosa fez uma linha de tempo da prática do diarismo, desde o seu surgimento, tendo o papel como suporte material, até a evolução dos mesmos para a tela dos computadores. Na visão de Oliveira, o surgimento dos *blogs* seria um fenômeno mais implicado na mudança de suporte.

Ressaltamos a importância da pesquisa de Oliveira para os estudos sobre os blogs, especialmente para a nossa pesquisa, mas juntamente com Komesu (2005b) discordamos da mesma no que se refere à maneira de compreender esse fenômeno de escrita: como um salto do papel para a tela do computador. No nosso modo de ver, embora a tarefa de escrita nos mesmos se assemelhe à maneira de se fazer nos tradicionais diários, os *blogs* se constituem como um fenômeno outro.

De Barbosa e Silva (2003), proveniente da mesma universidade, encontramos o artigo, “Weblogs: múltiplas utilizações e um conceito”. Como o próprio nome sugere, sua pesquisa consiste da descrição dos conceitos e ferramentas, bem como os seus usos.

Como uma ferramenta de trabalho emergente no meio jornalístico, oferecendo novas perspectivas de atuação para o profissional, tomamos conhecimento do trabalho de Mattoso (on line), da Universidade Estácio de Sá.

Outro artigo que trata de *blogs* numa visão jornalística se intitula, “A notícia que é notícia: o *blog* jornalístico”, de Araújo-USP. Esse trabalho, bem como o trabalho de Mattoso, é importante para a nossa pesquisa devido à riqueza das descrições e caracterizações da natureza dos *blogs*.

Como vimos anteriormente, existe um número considerável de pesquisas sobre os denominados *blogs* ou *weblogs* no campo da teoria da informação e comunicação. Porém, com fundamentos na Análise do Discurso tomamos conhecimento da tese de doutorado de Fabiana Komesu - Unicamp intitulada, “Entre o público e privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de *blogs* da internet” (2005b). Essa pesquisa torna-se referência para o nosso trabalho, visto que a mesma discute os *blogs* como um fenômeno da escrita. Outro texto da mesma pesquisadora de igual importância para a nossa pesquisa encontra-se na obra “Hipertexto e Gêneros Digitais”, organizada por Luiz Antônio Marcuschi e Antônio Carlos Xavier. O texto citado chama-se “Blogs e as práticas de escritas sobre si na internet”.

Em seus textos a autora discute os aspectos “tempo”, “espaço” e “interatividade” na escrita dos *blogs*, as marcas lingüísticas características da escrita neste gênero, algumas semelhanças do gênero em questão com os conhecidos diários tradicionais e, dentre outras questões, a importância do meio de comunicação digital para uma relação de interatividade dos sujeitos, na busca do *outro* para a constituição de sua identidade.

Os demais artigos da obra supracitada, “Hipertexto e Gêneros Digitais” dialogam com a nossa pesquisa uma vez que também discutem os gêneros textuais surgidos ou adaptados para o contexto da comunicação mediada por computador. Temas como gêneros textuais “emergentes”, assim designados por Marcuschi (2005), hipertexto, leitura, texto e as práticas de escrita na internet, constituem a temática central da obra.

Outra obra com a qual dialogamos chama-se “Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem”, organizada por Júlio César Araújo e Bernadete Biasi-Rodrigues (2005). Os artigos que compõem o livro em questão focalizam a evidência de traços da oralidade na escrita na internet, as práticas sociais de linguagem, as transformações de alguns gêneros, as diversas possibilidades de interação no ciberespaço colocando como questão os desafios teórico-metodológico que essas novas práticas suscitam.

2.3. O que é um blog

Passaremos a refletir sobre a natureza dos *blogs*, observando em primeira mão algumas características fundamentais que os distinguem de outros meios de expressão existentes na internet.

Os *blogs* são estruturados em uma formatação específica com algumas particularidades e por isso são facilmente distinguíveis na internet. Sua estrutura é determinada por um conjunto de blocos de conteúdo textual, imagético ou *links* que podem ser atualizados permanentemente. Para se criar um *blog* o usuário da rede tem a sua disposição *softwares* específicos, tais como as *ferramentas blog*⁴⁵, que permitem ao blogueiro postar numa ordem cronológica inversa que privilegia o tempo. A última atualização fica disposta no topo da página com o registro da data e hora de postagem.

⁴⁵ São componentes de um programa que os blogueiros utilizam para melhorar seus sites. As ferramentas blogs normalmente tornam os sites mais dinâmicos. (Fonte: enciclopédia Wikipédia) (Tradução nossa).

Outro diferencial é a ferramenta *permalink*⁴⁶ que possibilita leitores e escreventes o acesso a mensagens anteriormente postadas num determinado *blog* visto que essas ficam arquivadas no mesmo. Esse recurso torna as formas de registros em um *blog* semelhantes à maneira de se fazer em um diário tradicional, fazendo com que o que foi produzido pelos diaristas fique “guardado”, no plano virtual. Além disso, os *blogs* possuem um sistema de comentários que permite ao leitor interagir com o editor.

Para uma melhor compreensão do que são e a que finalidade podem servir os *weblogs*, elencamos algumas definições encontradas nos meios de comunicação. Segundo o dicionário *Marketing Terms*, os *blogs* que também são chamados de *weblogs*, são considerados *sites* ou parte de um *site* e o termo *blog* significa “uma publicação freqüente e cronológica de pensamentos pessoais e *links* da *web*”. Para o portal Uol “Blog é um diário online em que você publica histórias, idéias e imagens” Já no site *blogger*, um dos softwares pioneiros e um dos que hospedam o maior número de *blogs*, encontramos a conceituação dos mesmos como “um site de fácil utilização, onde você pode postar rapidamente o que pensa, interagir com as pessoas e muito mais.”

É interessante observar que o *site blogger*, em sua definição, apresenta um diferencial relevante para o uso de um *blog*: a interação social.

Uma outra definição encontramos no *site* do jornal virtual LE MONDE diplomatique⁴⁷ (2003), sobre este novo fenômeno de escrita. Em uma matéria assinada por Francis Pisani, o autor afirma que “*Blog* é uma abreviatura de *weblog*, que se poderia traduzir por “diário de bordo da rede”. Pisani acrescenta ainda que “Os *blogs* são diários pessoais na internet, mantidos por meios de aplicativos simples que permitem escrever um texto no computador e, desde que esteja conectado, enviá-lo instantaneamente para que seja exibido numa página virtual criada com esse objetivo”. Uma visão semelhante é encontrada na revista Época, onde mostra que “a definição clássica afirma que é um diário mantido por qualquer um na internet”.

Nessa mesma direção pensa Jan Alyne Barbosa e Silva (on line) que pesquisa a temática na Universidade Federal da Bahia. Segundo ela é “um *website* extremamente flexibilizado com mensagens organizadas em ordem cronológica reversa e com uma interface de edição simplificada, através da qual seu autor pode inserir novos *posts*, sem a necessidade

⁴⁶ Ligação permanente ou apontador permanente, do inglês *permalink*, é uma URL que aponta para uma postagem específica de um blog. (fonte: enciclopédia wikipédia)

⁴⁷ Disponível em: < <http://diplo.uol.com.br/imprima 720>>

de escrever qualquer tipo de código em HTML⁴⁸“. Um fator relevante na utilização do espaço público *blog* é gratuidade de uso oferecida por grande parte dos sites.

2.3.1 A origem dos *blogs*

Admitir a existência dos *blogs* exige antes situá-los em relação ao suporte material que os veiculam. Os *blogs* circulam na tela de computadores ligados a rede mundial de computadores, a *www*⁴⁹. O aparecimento desse fenômeno de escrita só foi possível devido ao intenso processo de transformações políticas, culturais, sociais e tecnológicas experimentadas nas últimas três décadas. Em meio a tantas transformações, destaca-se a revolução nos meios de comunicação causada pela divulgação rápida de informações. Isso só se tornou possível graças à criação da Internet. Com esse advento no âmbito da cultura contemporânea mundial, admitimos o surgimento dos diários virtuais como um fenômeno emergente, um novo suporte de um tipo de escrita confessional, semelhante àquela produzida nos tradicionais diários pessoais. Porém, não numa visão simplista, considerando apenas como um processo de “transmutação” de um gênero do discurso escrito/impresso que são os diários íntimos pessoais, para uma nova versão adaptada à tela dos computadores, mas como uma escrita recorrente de um sujeito dos tempos atuais, da Era da internet.

De acordo com Mattoso (on-line, p.28) esses diários digitais surgiram na década de 90 e até o ano de 98 existia aproximadamente uma centena deles, sendo que os recursos para criação e edição de um *blog* na rede era o código HTML. Porém, com a criação de softwares desenvolvidos para automatizar a sua publicação, este fenômeno se espalhou rapidamente e o incentivo inicial foi dado pela “empresa Pitas que em 1999 lançou a primeira ferramenta grátis de como montar seu próprio *weblog*” (Mattoso, on-line p. 28). No mesmo ano foi lançado um outro software chamado *blogger*, que também era de uso gratuito. A partir de então o usuário não precisaria mais ter conhecimentos tecnológicos para manter uma ferramenta para a publicação na *web*, e o melhor: sem nenhum custo. Conforme apresenta a enciclopédia Wikipédia, “a mensagem foi decisiva e passou a modelar o meio”. Assim no ano

⁴⁸ Acrônimo para a expressão inglesa *HyperText Markup Language*, que significa *Linguagem de Marcação de Hipertexto*) é uma linguagem de marcação utilizada para produzir páginas na Web. (fonte: enciclopédia Wikipédia)

⁴⁹ World Wide Web.

de 2000, a Blogger apresentou uma inovação: o *permalink*. A partir de então, cada publicação em um *blog* garantiria uma localização permanente, uma URL⁵⁰.

Outra mudança na publicação dos *blogs* foi inserida por *hackers* que criaram um programa de comentários que gerou a possibilidade do leitor comentar o conteúdo dos *blogs*, democratizando as publicações com a redução das barreiras entre o leitor e escritor. Lévy (1996, p. 24) descreve esse fenômeno como “efeito Moebius”: a ausência de delimitação entre leitor e escritor.

Desde então, a escalada de crescimento dos *blogs* não pára. De acordo com o jornal Folha OnLine, em uma matéria publicada no dia 03/01/2005, um estudo divulgado nos Estados Unidos nesta mesma data “mostra que, naquele país, 27% dos internautas lêem *blogs*, aumento de 58% sobre o ano anterior”. O estudo revela também que 8 milhões de norte-americanos escreveram em *blogs* durante o ano de 2004. Isso sem contar os 12% dos leitores desses diários virtuais que costumam postar comentários nas páginas.

A recorrência a este novo tipo de interação social vem se intensificando de uma maneira tão rápida que tem causado espanto até mesmo nos meios de comunicação mais experientes. O jornal Folha de São Paulo tem publicado frequentemente, matérias abordando o tema. O site LE MONDE em agosto de 2003 chegou a classificar o fenômeno como um “atual surto”. Recentemente a revista Época fez uma ampla reportagem intitulada “Blogs – Os campeões de audiência”, que chamou de “uma linha do tempo com os principais acontecimentos da blogosfera mundial”, como podemos verificar abaixo.

Janeiro de 1994:

O estudante Justin Hall cria o primeiro blog do mundo, o Links.net

Dezembro de 1997:

O colunista de internet Jorn Barger cunha o termo "weblog"

Abril de 1999:

O programador Peter Merholz encurta as coisas: "weblog" vira apenas "blog"

Agosto de 1999:

Lançada a primeira ferramenta popular de criação de blogs, o Blogger.com

Janeiro de 2000:

O Boing Boing entra no ar

⁵⁰ Uma **URL** (de *Universal Resource Locator*) em português significa (*Localizador Universal de Recursos*) é o endereço de um recurso (um ficheiro, uma impressora etc.), disponível em uma rede; seja a Internet, ou uma rede corporativa, uma intranet. (Fonte: enciclopédia Wikipédia)

Fevereiro de 2002:

A designer Heather Armstrong é demitida por falar sobre o emprego em seu blog, Dooce. O nome vira um termo em inglês que significa "demitido por blogar"

Agosto de 2002:

Nick Denton lança o Gizmodo, que se tornaria um império de blogs. Nasce também o Blogads, para negociar publicidade em blogs

Dezembro de 2002:

Lançamento do Gawker, inaugurando a era dos blogs de fofoca

Março de 2003:

Salam Pax, um blogueiro iraquiano, manda notícias direto da Bagdá sob ataque americano

Junho de 2003:

O Google lança o serviço AdSense, ferramenta que exhibe anúncios relacionados ao conteúdo dos blogs

Agosto de 2003:

A primeira grande onda de anúncios em blogs políticos

Setembro de 2003:

Jason Calcanis funda a empresa Weblogs.Inc, que chega a ter 85 blogs⁵¹ sob seu guarda-chuva

Dezembro de 2004:

O dicionário inglês Merriam-Webster classifica "blog" como "A palavra do ano"

Janeiro de 2005:

Uma pesquisa revela que 32 milhões de americanos lêem blogs

Mai de 2005:

Criado o blog político The Huffington Post

Outubro de 2005:

Os blogs da Weblogs.Inc são vendidos para a AOL por US\$ 25 milhões

Dezembro de 2005:

O ano soma US\$ 100 milhões em publicidade para os blogs

Janeiro de 2006:

A revista Time paga para ter o blog de Andrew Sullivan em seu site

Fonte: Revista Época Edição 428 - 31/07/2006

⁵¹ É provável que tenha acontecido um erro de impressão deste dado no original e o número real seja "85.000".

Diante dos dados apresentados cronologicamente, é possível perceber o crescimento e a emergência deste meio de comunicação. Se no século XX veículos de comunicação como o rádio e a televisão causaram uma verdadeira revolução cultural, econômica e social, construindo modelos de consumismo, gerando fortuna para muitos através do impetuoso marketing publicitário, mas que ao mesmo tempo, construiu e destruiu a carreira política de muitas pessoas; no século XXI pode-se dizer que se configura como a Era da Internet. Porém:

Em vez de um meio de comunicação de massa, com um transmissor central para milhões de ouvintes ou telespectadores, a rede mundial promete ser um meio de que todos possam participar, onde todos possam publicar e gerar conteúdo. Promete ser um meio de comunicação não apenas de massa, mas construído pela massa. O que começa tornar essa promessa realidade são os diários virtuais conhecidos como blogs (AMORIM; VIEIRA, 2006).

Hoje a atividade de escrita em *weblogs* envolve pessoas de várias partes do mundo. Mas essa palavra provavelmente foi usada pela primeira vez em 1997 pelo internauta Jorn Barger para nomear o seu diário pessoal na internet. Mais tarde outro usuário da rede quebrou a palavra *weblog* ao meio gerando um trocadilho “*we blog*” ou “*nós blogamos*”. O que começou com brincadeira acabou dando nome a uma atividade que virou uma mania para muitos internautas: manter um *blog*.

2.3.2 Blog: espaço virtual público democrático?

Com o surgimento dos *blogs* a democracia parece ter chegado à grande rede visto que o processo de se fazer comentários em *blogs*, descoberto primeiramente por *hackers*, significou de certa forma a democratização da publicação, conseqüentemente reduzindo as barreiras para que leitores se tornassem escritores. Qualquer pessoa pode criar um *blog* na rede digital. Segundo o jornalista e blogueiro americano, Jonh Batelle, em entrevista concedida à revista *Época* (Edição 428-jul./06), “os blogs são o primeiro passo para que todas as pessoas alfabetizadas tenham sua própria plataforma no mundo”. Como pudemos observar, desde os anos 90, quando os primeiros *blogs* foram postados, essa ferramenta se tornou gratuita. Atualmente portais como UOL, o site BLOGGER, disponibilizam suas tecnologias para que os editores de *blogs* possam utilizá-las na postagem de seus diários. Neste aspecto concordamos com Mattoso (*on line*, p. 27), quando afirma que “eles surgiram trazendo consigo o livre direito de se comunicar via internet, estando disponível e ao mesmo tempo **ao alcance de qualquer um**” (grifo nosso). Porém, ao tentar compreender este fenômeno social,

tomando como base os estudos histórico-sociais numa postura crítica, sabemos que não basta oferecer estes serviços gratuitos para garantir o acesso democrático de “todos” aos ciberdiários. Para Amorim e Vieira: “a rede mundial promete ser um meio de que todos possam participar, onde todos possam publicar e gerar conteúdo. Promete ser um meio de comunicação não apenas de massa, mas construído pela massa – os internautas”.

Mas será que apenas essas facilidades promovidas por essa invenção científica genial do inglês Timothy J. Berners-Lee em 1989, que é a WWW, oferecendo a possibilidade de acesso ilimitado de diferentes computadores em diferentes lugares do mundo a dados de uma única plataforma, a grande rede, garante a “todos” o acesso ao mundo da comunicação, da informação e do lazer mediados por computadores?

Baseando-se em dados fornecidos por uma instituição americana, a Pew Internet & American Life Project “**in press**”, que estuda os impactos da internet nas famílias, nas comunidades, no trabalho e em casa, na vida diária, educação, cuidados com a saúde, na vida política e cívica dos americanos; as pessoas de cor branca ainda são a esmagadora maioria que navegam na internet. Historicamente é sabido que os negros, os afro-descendentes não tiveram as mesmas oportunidades de acesso à educação, bens culturais e de consumo que os brancos. Na pesquisa supracitada, realizada entre julho de 2005 e abril de 2006, constatou-se que 74% dos usuários da internet são pessoas de cor branca, 9% são afro-americanas, 11% são hispânicos falantes de inglês e 6% se identificaram como sendo pertencentes a outras etnias. No entanto ao comparar esses dados com os números de pessoas possuidoras de *blogs*, 60% são brancas, 11% são afro-americanas, 19% são hispânicos falantes de inglês e 10% se dizem pertencer a outras etnias. Estes dados nos levam a salientar que, entre os usuários da internet que possuem *blogs*, a diferença entre brancos e as demais etnias diminui. Talvez os indícios anteriormente levantados por especialistas em comunicação na internet de que os *blogs* vêm se configurando como um espaço público democrático de comunicação seja devido ao fato de que não exigem conhecimentos técnico-científicos para a sua publicação na *Web*, visto que possuem ferramentas de acesso e manutenção que são relativamente simples. Para se ter um *blog* na rede não é necessário conhecer a linguagem *HTML*, *FTP*⁵², dentre outras. Ainda, em dados apresentados na mesma pesquisa mencionada, mais da metade das pessoas que mantêm um ciberdiário nunca haviam publicado seus escritos em nenhum outro lugar antes de criarem

⁵² Significa *File Transfer Protocol* (Protocolo de Transferência de Arquivos), e é uma forma bastante rápida e versátil de transferir arquivos (também conhecidos como ficheiros), sendo uma das mais usadas na internet. (Fonte: enciclopédia Wikipédia)

seus *blogs*. O diário *on line* parece servir como um espaço desinibidor, onde as pessoas se sentem à vontade para falar de qualquer assunto. Talvez o mais correto seja dizer que entre as pessoas que têm acesso a internet, os *blogs* vêm se apresentando como um espaço público virtual democrático, que privilegia modos distintos de enunciação e de facilitação da exposição da vida íntima privada para a esfera pública.

Na tentativa de compreender este fenômeno no Brasil entendemos ser antes de tudo necessário apresentar os números relativos à proporção de brasileiros que têm acesso à tecnologia da informática. De acordo com o Comitê Gestor da Internet no Brasil⁵³ em uma pesquisa de TIC Domicílios⁵⁴ realizada nos meses de agosto e setembro de 2005, o uso do computador e da internet no Brasil está ligado exclusivamente às condições socioeconômicas da pessoa, a sua renda familiar e a região onde vive.

“A penetração da posse e uso do computador e da internet nos diversos segmentos sociais se concentra nos indivíduos de famílias mais ricas e, em paralelo, nos indivíduos que moram em regiões mais ricas. (CGI.br)”

Os dados que serão mostrados a seguir são relativos ao uso do computador e da internet no Brasil. Com relação ao *uso do computador*, a pesquisa mostra que:

- 55% da população brasileira nunca utilizou um computador
- 16,6% da população brasileira possui um computador em casa
- 30% da população brasileira utilizou um computador nos últimos 3 meses
- 13,8% da população brasileira usa computador diariamente

Quanto ao *uso da internet*, a pesquisa aponta que:

- 68% da população brasileira nunca utilizou a internet
- 24% da população brasileira utilizou nos últimos 3 meses
- 9,6% da população brasileira usa a internet diariamente
- 41% da população brasileira utiliza a internet para atividades educacionais
- 32% da população brasileira utiliza a internet para fins pessoais
- 26% da população brasileira utiliza a internet para trabalho

Dados do CGI.br (grifo no original)

O acesso dos brasileiros ao computador e a internet ainda é tímido. Como foi apresentado, apenas 9,6% dos brasileiros disseram usar a internet diariamente. Acreditamos que se fosse perguntado a esses 9,6% de usuários, de que local acessam a internet, uma parte

⁵³ CGI.br

⁵⁴ Tecnologias da comunicação e da informação.

significativa diria que acesso do local de trabalho, das LAN houses, da escola e etc. Os altos custos dos serviços confrontados com os baixos salários e com a falta de investimento em tecnologias da informação em muitas regiões do Brasil são as principais causas da falta de acesso das pessoas a internet. Porém, ao comparar os diferentes dados e estudos citados na presente pesquisa, é possível dizer que, neste cenário mundial onde se comunicar é imprescindível, os *blogs* têm sido um espaço de comunicação que mais tem crescido na mídia virtual. O fator dificultador que impede o seu uso mais freqüente é a falta de acesso das pessoas ao computador e à internet. Ao se falar em democracia na rede, cria-se um paradoxo. Como foi exposto anteriormente, a grande maioria de brasileiros não possuem condições socioeconômicas que lhes garantam o uso da tecnologia da informação. Neste caso, a liberdade de uso que a internet, uma das redes de serviços telemáticos mais conhecida oferece a todos igualmente é sempre desigualmente apropriada. O acesso à mesma se esbarra em fatores econômicos e sociais. Nestes novos espaços sociais públicos, onde apenas alguns poucos podem participar, faz surgir um novo grupo de excluídos: os excluídos digitais. Diante dos fatos é possível dizer que a democracia reside apenas na fragilidade das fronteiras entre autor/leitor, no acesso oferecido gratuitamente por muitos portais e na facilidade de uso viabilizada pelas ferramentas de criação e manutenção dos mesmos.

2.3.3. O que se pode dizer em um *blog*

De um modo geral os *blogs* se apresentam como um espaço público que serve a um número quase que infinito de propósitos. As publicações podem ser do tipo que se misturam comentários de informações e de notícias divulgadas nos diversos meios de comunicação (os *blogs* jornalísticos), o dia-a-dia, a vida privada do escrevente, fofocas, ou aqueles que debatem ou dão dicas culturais como cinema, música, criação literária, como um diário de viagem onde o escrevente registra relatos, fotos de lugares que visitou. Outros consistem em trazer informações sobre o mercado e tecnologias do mundo da informática. É o caso do *blog* do americano John Dvorak⁵⁵. Em slogan, John Dvorak sugere que no seu *blog* “os leitores encontram o ‘impublicável’ (INFO, 2005, p. 67)”.

Existem outros que são mantidos por diferentes profissionais como psicólogos. A efeito ilustrativo temos o *blog* da psicóloga Rosely Sayão⁵⁶ que faz parte da categoria “blogs da redação do portal UOL”. Ao acessar este *blog*, os leitores podem fazer uma espécie de

⁵⁵ Disponível em : <http://www.dvorak.org/home.htm>.

⁵⁶ Disponível em: <http://blogdaroselysayao.blog.uol.com.br>.

“consulta *on line*”: Sayão periodicamente reflete sobre um determinado tema diretamente relacionado ao seu campo de atuação profissional e o leitor pode participar através da ferramenta que permite fazer comentários. É comum as dúvidas, os comentários ou mesmo as críticas dos leitores serem retomadas pela psicóloga em um novo *post*:

A Flávia, em seu comentário, fez uma observação muito interessante. Ela se pergunta se não estaria sendo muito careta ao proibir o filho de usar um determinado jogo no videogame por suas características. Decidi conversar a esse respeito porque muitos pais – muitos mesmo – temem ser caretas nas atitudes que tomam com os filhos e no relacionamento que têm com eles e, por isso, muitas vezes perdem seu norte. (SAYÃO, 2006).

Ricardo Serran Lobo teve uma idéia irreverente. O publicitário construiu um cyberdiário com um nome sugestivo: (www.vizinhodojefferson.blogger.com.br). Como era vizinho em Brasília do então deputado Roberto Jefferson (denunciante do escândalo do mensalão)⁵⁷, acompanhou de sua janela a vida do parlamentar durante a CPI que culminou com a cassação do deputado em questão, bem como a de outros parlamentares envolvidos. O *blog* ainda está no ar, mas hoje ele é atualizado de Florianópolis e os *posts* contêm assuntos relacionados ao mundo da política, especialmente os bastidores de Brasília.

Por fim, vale a pena salientar que tem surgido um novo fenômeno que é a escrita confessional de ex-prostitutas. Nesta temática assistimos recentemente ao enorme sucesso do *blog* da ex-prostituta Raquel Pacheco, conhecida na mídia como Bruna Surfistinha. O sucesso foi tamanho que a sua dona conseguiu chamar a atenção de editores interessados em transformar as experiências da ex-prostituta em livro. O jornal Folha Online no dia 03 de setembro, numa matéria de Laura Mattos, a repórter fez a seguinte comparação:

Era só o que faltava para Bruna Surfistinha, a “Paulo Coelho” do sexo. Depois de vender 140mil exemplares de seu livro e exportá-lo para vários países, a ex-prostituta terá a sua vida retratada nas telas do cinema. (...) os 140 mil exemplares de Surfistinha surpreenderam as editoras brasileiras, que raramente conseguem vendagem superior a 10 mil.

Segundo a mesma matéria, o fenômeno de vendagem de livros, inicialmente provocado pelo sucesso do *blog* da Surfistinha, arrastou outros atores anônimos que pegaram carona na notoriedade que a mesma obteve. Inclusive a ex-mulher do atual namorado de Bruna Surfistinha se aproveitou da situação de ter sido trocada por uma prostituta famosa e também lançou um livro que saiu com uma tiragem de 5.000 exemplares, já esgotada. O

⁵⁷ As informações armazenadas nos *blogs* se perdem com o tempo, pois o seu usuário pode decidir por tirá-lo do ar em qualquer tempo.

montante de vendas representa um extrato da curiosidade das pessoas em espionar a vida alheia. São leitores variados interessados em conhecer a os “segredos da alcova” de prostitutas relatados nos diários, como explica Mattoso (on line, p.31):

Essa fixação, ou como muitos preferem chamar, voyerismo, não chega a ser uma patologia, mas as pessoas simplesmente têm curiosidade em explorar a vida alheia, não importa como, pelo buraco da fechadura ou pela tela do computador, essa espionagem social faz parte de uma das inúmeras peças que compõe o universo da cibercultura.

Depois do sucesso de venda que a literatura de Surfistinha alcançou, os *posts* de Raquel Pacheco em seu *blog* “O diário de Bruna Surfistinha”, se atém quase que a informar aos leitores sobre onde encontrar o livro, quando será o próximo lançamento e o que as pessoas comentam sobre o seu livro.

Para Oliveira (2002, p.124) são variados os “motivos para manter on-line a narrativa das próprias vidas. Seja como confessionário, local de catarse, partilha, promoção de autoconhecimento”. A cada dia milhares de escritores de diários íntimos encontram diferentes motivações para se expor na internet usando o espaço *blog*.

2.3.4. Uma classificação para os *blogs*

De acordo com Recuero (2003), devido às observações feitas por ela no decorrer de sua pesquisa, foi notado um “sem-número” de categorias de *blogs*, mas pelas características dos *posts* observados por ela eram de fáceis distinções em duas principais. Uma terceira seria um “hibridismo” das duas primeiras sendo, a saber:

- a) Diários Eletrônicos – São os *Weblogs* atualizados com pensamentos, fatos e ocorrências da vida pessoal de cada indivíduo, como diários. O escopo desta categoria de *weblogs* não é trazer informações ou notícias, mas servir como um canal de expressão de seu autor. [...]
- b) Publicações Eletrônicas – São *weblogs* que se destinam principalmente à informação. Trazem, como revistas eletrônicas, notícias, dicas, e comentários sobre um determinado assunto, em geral o escopo do *blog*. Comentários pessoais são evitados, embora algumas vezes apareçam. [...]
- c) Publicações Mistas – São aquelas que efetivamente misturam *posts* pessoais sobre a vida do autor e *posts* informativos, com notícias, dicas e comentários de acordo com o gosto pessoal. [...] [Recuero, 2003 (*on-line*)]

Enquanto que Oliveira (2002) em sua pesquisa classifica os blogs como pertencentes a três categorias, cujas características apresentam pontos em comum com as categorias estabelecidas por Recuero.

2.3.5 Filtros de notícias

Nesse perfil se enquadram os *blogs* jornalísticos. O editor desta categoria seleciona, comenta e discute as notícias postadas. Esse é o caso do *blog* do jornalista da redação do jornal Estadão Ricardo Noblat. Um outro que se presta a comentar os fatos acontecidos e noticiados na mídia é o *blog* do Tas. No final do mês de outubro de 2006, o *blog* do Tas (jornalista Marcelo Tas) da redação do portal UOL estava concorrendo entre os melhores Blogs Corporativos do Mundo. Seu *blog* foi nominado ao concurso internacional de *blogs* The Bobs, promovido pela Deutsche Welle, a Rede de Comunicação Alemã. No momento noticiado pela mídia, final do mês de outubro de 2006, o *blog* do Tas já estava em terceiro lugar desta categoria na blogosfera mundial.

2.3.6. Filtro temático

São aqueles que captam as notícias de acordo com o assunto. O leitor escolhe o *blog* baseando-se no seu interesse e gosto pelo tema do mesmo. Nesta categoria podemos enquadrar os *blogs* corporativos. O jornalista Josimar Melo, crítico de gastronomia da Folha de S.Paulo e agitador cultural nessa área, possui um *blog*⁵⁸ onde, de acordo com a classificação feita no próprio *site*, são discutidas cinco categorias de assuntos: restaurantes, vinhos, bebidas, viagens e leituras. O *blog* do Josimar faz parte dos *blogs* da redação UOL e, embora o número de categorias abordadas no mesmo seja amplo, o tema principal que perpassa por quase todos os *posts* é a gastronomia.

Com o mesmo perfil, um outro *blog* interessante é o “Estraga filmes⁵⁹” catalogado pela revista INFO exame 2005. Na tentativa de conhecer o conteúdo do mesmo, verificamos que este não está mais no ar, mas mesmo assim julgamos ser importante citá-lo a efeito de exemplificação das mais diferentes estratégias discursivas encontradas pelos escreventes de *blogs* como um jogo que evidencia a busca pelo discurso, (ele próprio) enquanto objeto de desejo (FOUCAULT, 1996).

⁵⁸ Disponível em: <http://josimarmelo.blog.uol.com.br/>.

⁵⁹ www.estragefilmes.blogger.com.br.

Segundo a mesma revista “aquele sujeito que fica contando o fim do filme na fila do cinema resolveu criar um blog”. As mensagens postadas no “Estraga filmes” contém as resenhas dos jornais, apresentando um resumo completo do assunto dos filmes da atualidade, sem se esquecer, é claro, de contar o final dos filmes.

2.3.7 Blogs como diários íntimos

Este tipo de escrita é muito parecido com aquela produzida nos tradicionais diários íntimos. O escrevente publica fatos ligados a sua vida íntima particular, sua rotina diária, faz desabaços, revelações diversas. Para Oliveira (op. cit. p. 145), pesquisadora de *blogs* na área de comunicação, “blogs com esta função de diário íntimo on line são facilmente encontrados na rede”.

O fato de o tempo ser marcado em cada novo *post* enviado pelo blogueiro, bem como a ordem cronológica reversa, em que a última publicação fica no topo da página, parece atrair, a cada dia, novos escreventes interessados em guardar “ali”, anonimamente ou não, parte daquilo que pensam, suas crenças, fatos que julgam interessantes ou que marcaram a suas vidas. Ainda a possibilidade de postar fotografias nos *weblogs* serve como um recurso múltiplo que inclui, dentre outros, o compartilhamento de suas memórias com outros usuários da rede, ou talvez, como um arquivo pessoal de momentos a serem rememorados.

2.4. Estudo da tipologia dos *blogs* relativos à pesquisa

Após a tentativa de estabelecermos uma tipologia para os *blogs*, classificamos o conjunto destes que fazem parte do material de nossa pesquisa como pertencentes tanto às categorias Diários Eletrônicos e Publicações Mistas de Recuero, quanto às categorias Filtro temático e Diário íntimo de Oliveira. Isto porque os mesmos apresentam características que se assemelham às características analisadas e descritas por ambas as pesquisadoras.

O *corpus* constitui-se de um conjunto de textos empíricos publicados em cinco *blogs* de escreventes que se identificam como sendo do sexo feminino. O período de coleta dos dados deu-se de agosto a dezembro de 2006, sendo que coletamos para a análise todos os *posts* arquivados desde a criação dos mesmos. Constituímos um quadro⁶⁰ com as informações que se encontra no final do presente trabalho, onde informamos a marcação

⁶⁰ Anexo p. 81.

referente ao título dos *blogs*, a data de criação e a regularidade com que cada escrevente atualizou o mesmo, mês a mês, até a data de conclusão deste trabalho que foi abril de 2007.

2.4.1. O recorte do material

É sabido que o espaço público *blog*, ou, o que Araújo (on line) chama de “‘estilo’ blog de expressão” possui os mais variados usos. Sendo assim, para a definição do *corpus* que compõe o material de nossa pesquisa, foram feitas exaustivas excursões pela internet num esforço de obter uma melhor compreensão do mundo dos *blogs*, ou ampliar os nossos conhecimentos do funcionamento da “blogosfera”, como é comumente designado o universo de escreventes deste canal de comunicação existente na grande rede. Nesse caminho deparamos aleatoriamente com uma categoria de *blogs* que chamou a nossa atenção⁶¹ pelas temáticas discutidas nos *posts*: os filhos, o amor, o casamento, o cotidiano de mulheres que levam uma vida comum.

Iniciamos uma excursão nessa categoria através dos *blogrolls*⁶² que remetiam a outros *blogs* que discutiam os mesmos assuntos. Os chamados “*blogs* amigos”. Esses diários virtuais formavam uma espécie de comunidade blogueira onde a temática, o pano de fundo, ou a justificativa para essas mulheres manterem os seus diários *on line* são os filhos: os filhos que possuem ou os filhos que querem vir a ter. Deste modo, estabelecemos que o recorte para a composição deste presente estudo seria um conjunto de textos empíricos escritos em cinco *blogs* de escreventes do sexo feminino e de nacionalidade brasileira. Buscamos realizar a análise vertical dos excertos objetivando a compreensão dos funcionamentos recorrentes no material de modo que contemplasse a sua problematização teórica a qual se fundamenta na Análise do Discurso de linha francesa. Ainda visamos à identificação do funcionamento dos elementos lingüístico-discursivos e as diversas possibilidades de interação humana, os contextos em que acontecem essas relações, o embate que os sujeitos travam por almejarem o discurso: o “objeto de desejo” (FOUCAULT, 1996, p.10), o espaço de fala, a luta para entrar em uma certa “ordem do discurso”.

Os *blogs* pertencentes ao nosso recorte de estudo são mantidos na rede por escreventes que partilham interesses em comum: essas mulheres, ora são mães ou mantêm o desejo de se tornarem, partilham crenças e valores morais oriundos do cristianismo, exercem alguma

⁶¹ Na seção desta dissertação sobre a escrita de si: a escrita do “eu” feminino, faremos a justificativa dos motivos que nos levou a escolher essa categoria de *blogs*, especificamente.

⁶² Lista de links para outros blogs contidas em um blog de acordo com o gosto e preferência do blogueiro. (Fonte: revista INFO Exame 2005, p.112)

atividade remunerada, mas ao mesmo tempo são mulheres ligadas à rotina caseira e familiar. São adeptas a relacionamentos amorosos estáveis, são casadas ou dão importância ao casamento. A ideia central que perpassa pela quase que totalidade dos *posts* é os filhos. Essas mulheres mantêm seus *blogs* no ar “supostamente para falarem dos filhos⁶³” e trocaram experiências sobre a maternidade, como as alegrias e preocupações que fazem parte da vida das mães, os problemas de saúde dos filhos, pedir orientação para as outras mães em relação aos medicamentos em uso pelos filhos, ou para falarem de si: a dieta de emagrecimento, o trabalho, problemas financeiros, o relacionamento amoroso, e outros.

Os *links* contidos nos *blogs* destas escreventes são relacionados a temas direcionados ao “mundo materno e/ou feminino” ou são *links* que remetem a outros *blogs* da mesma categoria e que discutem os mesmos assuntos.

De acordo com o nosso entendimento, os *blogs* que fazem parte de nosso recorte situam-se tanto na categoria Diários Eletrônicos de Raquel Recuero, quanto nas categorias Diários íntimos e Filtro temático de Rosa Meire Carvalho de Oliveira.

⁶³ No início da pesquisa fizemos a definição de um número de 3 (três) *blogs* como componente do *corpus* das análises. Porém, no decorrer da coleta dos dados, duas das três escreventes criaram um segundo *blog* com a justificativa de que “deixariam os *blogs* dos filhos apenas para falarem deles”. Levando em consideração a proposta, bem como a problematização teórico-metodológica do trabalho, julgamos importante incluí-los na pesquisa também.

2.4.2. Apresentação dos *blogs*

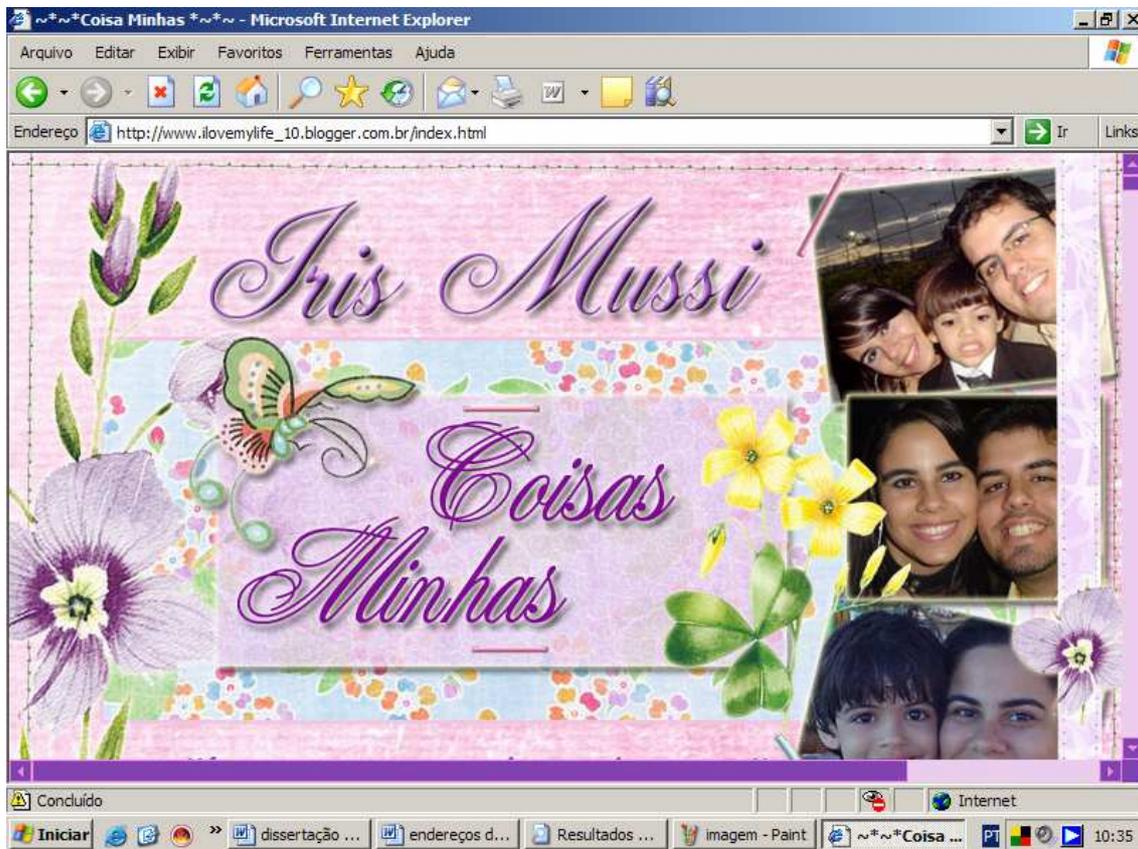


FIGURA 1 *Blog* Íris Mussi, Coisas minhas.

No *blog* *Íris Mussi, Coisas minhas*, a escrevente se identifica como sendo Íris Rodrigues de 19 anos e estudante de uma faculdade de Design. Como podemos ver, na feitura do layout de seu *blog* a autora usa fotografias de sua família para decorar a página: as próprias, de seu filho Pedro Henrique Rodrigues Mussi de 2 anos e de Pedro Mussi de 22, o então namorado e pai de seu filho. Salientamos que encontrar a verdade oficial sobre as informações divulgadas nos *blogs* não faz parte do escopo desta presente pesquisa. A maneira com que Íris se enuncia, o tipo de discurso contido em seus *posts* e nas mensagens selecionadas por ela nos faz crer que a mesma tenta se mostrar para o leitor como sendo uma pessoa extremamente bem humorada, feliz, que a vida é um canteiro de felicidades e que viver é um eterno sonho embalado pelo passar dos dias. O *post* a seguir serve como um exemplar de seus escritos, que são quase que na totalidade um hino de louvor à alegria, a si própria, à felicidade e à vida:

(a1)[1] *Hoje estou com vontade de dizer coisas bonitas, intensas, profundas...*
 (a1) [2] *Aiai minhas amigas...* (a1) [3] *Cada dia que passa amo mais e mais, incondicionalmente, meu filho, se isso é possível!* (a1) [4] *Que amor é esse gente!? (a1) [5] Que só faz crescer e crescer toma conta de mim de uma forma...*
 (a1) [6] *Fico lembrando da gestação, o simples fato de tê-lo gerado em meu ventre, o fruto de um amor, uma benção de Deus...* (a1) [7] *E o sabor de dizer: **Vou ser mãe!** Isso me emociona muito...* (a1) [8] **Obrigada Deus por ter me dado o dom de gerar a vida!** (a1) [8] *Gerar: do Lat. Generare: v. tr., dar o ser a; criar; procriar; conceber; produzir; originar; fazer produzir; causar; formar; desenvolver; v. int. e refl., nascer; formar-se; desenvolver-se.*
 (a1) [9] **Pedro Henrique** me fez ver a vida com outros olhos, do mesmo modo que o *çproduziç*, ele aos poucos me produziu, me transformou... (a1) [10] *Assumo, me tornei uma pessoa melhor!* (a1) [11] *É o famoso antes e depois da maternidade, e não estou falando da *çbarriguinhaç* e do *çbumbumç* com novas medidas, estou falando do CORAÇÃO, do amor...* (a1) [12] *Da forma de ver a vida, de curtir a vida, de se dar numa relação de puro amor, amor que não se conhece, só se sente mesmo, amor de MÃE!*
 (a1) [13] *É uma emoção inexplicável né!?* (a1) [14] *Antes mesmo do desejo de ter um filho, eu já estava com um na barriga, e antes mesmo de criar o meu *çnenémç* eu já quero gerar outro...* (a1) [15] *É tão bom, o desejo de ter aquele trocinho no meu ventre, por meses só MEU, rs.* (a1) [16] **Amo Amo Amo.**
 (a1) [17] *Humm e quando nós achamos o **papai** ideal então...* (a1) [18] *Pedro me surpreende cada dia mais, como ele é um bom pai!* (a1) [19] *Uma coisa linda! Acabamos enchendo o **Pedro Henrique** de mimos e dengos, nosso fofuxo é um menino de sorte, cá para nós... rs*
 (a1) [20] **Meus Pedros** me fazem muito feliz, sou uma mulher quase realizada, ainda falta minha menina, tenho que *çbrincar de bonecaç*, nem que seja depois dos 30!
 (a1) [21] *Todos dizem que vou ter outro menino e só Depois vou ter uma menina, para encerrar a fábrica!* (a1) [22] *Vocês imaginam a torcida né?* (a1) [23] *Deus está no controle de tudo, as coisas vão acontecer na hora certa!*
 (a1) [24] **Estou feliz**, esse mês as coisas estão mais claras para mim, mais especiais, o simples fato de existir, de estar viva me motiva. (a1) [25] *Acho que as perdas e pedras dos meses passados me deixaram mais forte, mais confiante, e com ainda mais fé para lutar, para viver cada dia como se fosse o último, para buscar meus sonhos e ser FELIZ!*
 (a1) [26] *Eu amo ser mulher, **ser mãe**, amo ter um sentimento na vida, ter alegria e amor no coração, **Eu amo minha VIDA!*** (a1) [27] *Quero desejar a todas um restinho de semana e um final de semana maravilhoso, abençoado, iluminado!* (a1) [28] *Essa é a última semana do mês de Setembro, tenho certeza que será maravilhosa, para encerrar o mês com *çchave de ouroç*!* (a1) [29] *E o mês de Outubro será melhor ainda para todos nós!* (a) [30] *Como está passando rápido!*
 [31] *Já é Natal!!*
 (a1) [32] *çHOJE MEU MILAGRE VAI CHEGAR, EU VOU CRER NÃO VOU DUVIDAR!ç*
 (a1) [33] **Susto:** *Pedro Henrique nos deu um susto semana passada, mas graças a Deus está bem.* (a1) [34] *Ele "estava" com uma inflamação entre o femo e a bacia, o que o impedia de fazer os movimentos normais, até andar ele estava com dificuldades, mas graças a Deus levamos ele em um médico, que me pareceu competente, ele ficou em repouso, tomando remédio e hj está novinho em folha!*
 (a1) [35] *Agora é só observar e rezar para não voltar mais!*
 (a1) [36] **Novidades:** *Eu estou ótima! rs(a1) [37] Fui no médico hoje e ele disse que estou livre dos cistos, que graças a Deus estou muito bem e meu ovário está funcionando! Urfa! Eu pedi tanto a Deus por isso, agora só tenho a agradecer...*
 (a1) [38] **Pedro** estava comigo, também ficou muito feliz, é muito bom tê-lo sempre ao meu lado, ele adora o **Dr. Luiz Machado!** (a1) [40] *O dr. disse que agora só depende de nós, bom seja o que Deus quiser, ele sabe a hora certa de Tudo!!!* (a1) [41] *Enfim, por isso estou muito feliz!* (a1) [42] *E nada de ansiedade...)*
 (a1) [43] *Mil beijocas, fiquem com Deus!*

Embora o texto citado acima seja extenso, julgamos ser importante o fazer na íntegra e no conjunto para uma melhor compreensão e análise das marcas discursivas flagradas na fala da escrevente. Adjetivos de efeitos positivos, expressões de extremo otimismo, sentimento de plenitude, auto-realização podem ser encontrados por todo o post. A palavra “feliz” aparece cinco vezes em [21], [25], [27], [38], [41]. O “Amor” e seus derivados foram descritos por dez vezes em [3], [6], [11], [12], [16], [26]. Outras frases como [24] *o simples fato de existir, de estar viva me motiva*. [26] *Eu amo ser mulher, ser mãe, eu amo ter um sentido na vida, ter alegria e amor no coração, **Eu amo minha VIDA!*** E para se despedir a escrevente acrescenta alguns detalhes de sua saúde como um elemento surpresa: [36] *Novidades: Eu estou ótima! Rs (...) graças a Deus estou muito bem* [41] *Enfim, por isso estou muito feliz!*

Talvez este tipo de discurso seja pela necessidade de se constituir como um sujeito escrevente “diferente” dos demais sujeitos que mantêm um *blog* desta mesma categoria no ar. Neste caso, marcar mais o lado “belo” da vida como em [24] *o simples fato de existir, de estar viva me motiva* funcione como um recurso para chamar a atenção dos leitores e conseguir visibilidade na rede. Pois afinal, nas sociedades modernas, onde tudo é efêmero, há uma busca emergente pela felicidade, a vontade de ter prazer e aproveitar a vida. Deste modo a escrevente tenta se dizer como um exemplar perfeito da felicidade.



FIGURA 2 *Blog* Nossa História.

Essa escrevente que se identifica como sendo Anádia, dona do *blog Nossa História*, diz ser professora de História, casada com um homem de apelido Lê e ter uma filha chamada Marina de 2 anos de idade. Anádia não revela os sobrenomes e nem o nome do marido. Mesmo sem dizer formalmente onde mora, é possível identificar que Anádia é moradora do Rio de Janeiro através dos comentários sobre os lugares que a mesma descreve em seus *posts*. O marido é um agente da Polícia Rodoviária Estadual do Estado e trabalha em Niterói. Embora o nosso objetivo não seja discutir a veracidade dos fatos, é importante ressaltar que a mesma deve estar utilizando pseudônimos para contar a sua história. Verificamos que esta bloguista⁶⁴ assina os seus *posts* com o mesmo nome que utilizou para se apresentar, mas em alguns de seus textos utiliza o nome/codônimo Analice. Mesmo assim, a identificação da escrevente e das pessoas que ela narra pode ser feita através das fotografias que são postadas no *blog*.

Anádia coloca no topo de cada *post* uma chamada que consiste sempre de citações de frases de um autor famoso, um provérbio, uma frase de autoria da própria escrevente contendo um incentivo e estímulo para se viver, a exaltação do amor ou um versículo bíblico deixando marcado um tipo de escrita atravessada pelo discurso materno e religioso, funcionando como uma espécie de atrativo, de “auto-ajuda” para o universo de pessoas que gostam deste tipo de reflexão. O tema predominante é a vida na esfera privada.

É importante ressaltar que no início do mês de dezembro, último mês de coleta dos dados desta pesquisa, esta mesma escrevente criou um outro *blog* chamado *Minha História de Emagrecimento*.

⁶⁴ CORACINI, 2005.



FIGURA 3 Blog Minha História de Emagrecimento.

Vejamos as palavras da própria escrevente: *Início este blog com a intenção de relatar e compartilhar com outras pessoas o transcorrer de um processo de emagrecimento.* Neste blog a escrevente assina o nome Analice e mantém o mesmo frame do anterior: os posts são sempre iniciados com uma mensagem de incentivo mostrando a importância da coragem e da autodeterminação em manter uma dieta para emagrecer, como podemos observar em (bb2) [1] *O primeiro passo para você atingir uma meta é convencer-se de que é capaz disso.*

A bloguista ainda dá dicas sobre os alimentos, de links que remetem a blogs de outras pessoas que também o fazem com o mesmo objetivo, fornece endereços de sites que contém assuntos relacionados à saúde, alimentação como em (bb2) [2] *sobre o pimentão eu achei este artigo interessante:*

Por fim, a atividade de escrita em blogs de outra escrevente, dona do blog *Isabella O sonho mais lindo.*

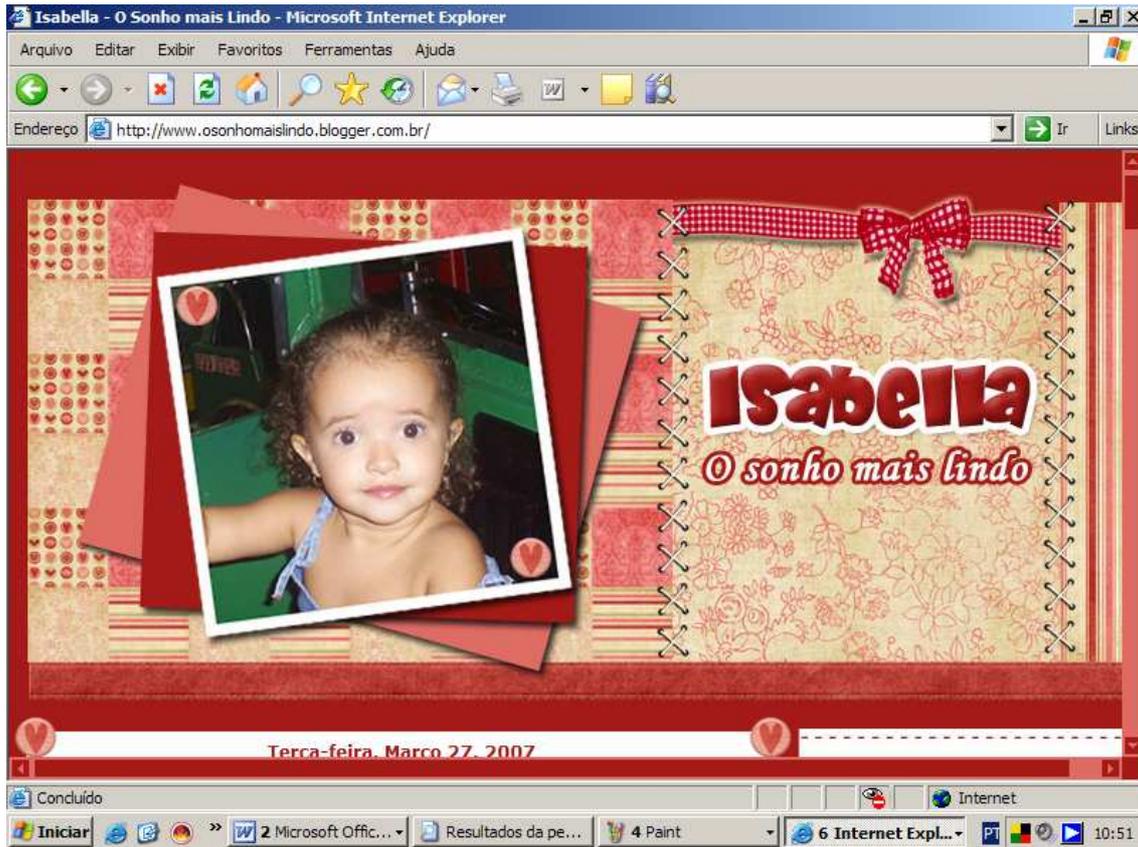


FIGURA 4 *Blog Isabella O sonho mais lindo.*

No *blog Isabella O sonho mais lindo* a escrevente se apresenta como sendo Márcia Damasceno de 31 anos, jornalista, mãe de Isabella de aproximadamente dois anos de idade e casada com André, um arquiteto de 34 anos.

Márcia não fala de onde escreve, mas em um de seus posts se deixou dizer, aparentemente sem intenção, como moradora de Belém. No *blog* em questão, a proposta é a escrita da filha: trocar experiências com outras mães sobre a maternidade, descrever e/ou registrar a evolução da filha, os sabores e dissabores da maternidade, os medos e inseguranças de uma mãe “marinheiro de primeira viagem”. A prática da escrita “aqui”, bem como nos *blogs Íris Mussi, Coisas minhas, Nossa História* que fazem parte desta pesquisa também pode ser comparada em um aspecto com aquela exercida nos tradicionais diários, uma vez que, aparentemente, essas mães demonstram ter a intenção de manter o registro da evolução da vida dos filhos. Os *softwares* utilizados para a criação de *blogs* possuem uma ferramenta que mantém arquivadas todas as mensagens postadas. Desta forma, posteriormente, eles poderão ver e se orgulhar do trabalho de suas mães em manter o registro da memória de suas infâncias.

No decorrer da coleta dos dados, especificamente nos mês de outubro de 2006, Márcia Damasceno também criou um outro *blog* nomeado *Três em Uma*, por motivos que a própria explica:

(c2) [1]Um cantinho só meu (c2) [2]Vou deixar o blog da Bella exclusivo pra a baixinha e, (c2) [3] por isso, postarei aqui sobre mim apenas, (c2) [4]deixar registrados os meus pensamentos, minhas idéias, minhas tristezas e alegrias, minhas dúvidas e (c2) [5]compartilhar aquilo que for possível com vocês, amigas, que (c2) [6]certamente, passam por situações semelhantes. (c2) [7]Sem bem vindas!



FIGURA 5 *Blog Três em Uma*.

No *blog Três em Uma*, a escrevente usa as mesmas informações dadas por ela no primeiro *blog* ao se apresentar. Porém acrescenta um dado que é a cidade de onde escreve, Belém, no estado do Pará, confirmando o que já havia evidenciado nos textos postados no primeiro *blog*.

Vale uma observação em relação ao modo escolhido pela bloguista para identificar o seu segundo diário virtual. Ao nomeá-lo *Três em Uma*, a escrevente deixa vazar as múltiplas identidades assumidas pela mesma, uma das características dos sujeitos das sociedades dos tempos pós-moderno. É preciso se metamorfosear, trocar de roupa como faz o camaleão, pois fixar-se a uma única identidade significa ficar em desacordo com o mercado de trabalho, com

sua outra função enquanto mulher ou ainda enquanto uma “mãe moderna”. De acordo com Kunzru (2000, p.27), “para sobrevivermos, precisamos acordar para a velocidade das complexas realidades da tecnocultura”.

Como dissemos anteriormente, os *blogs* *Íris Mussi*, *Coisas minhas*, *Nossa História*, *Isabella O sonho mais lindo*, apresentam uma proposta/pretexto de escrita para dizer de filhos. Levantamos essa hipótese ao analisar as evidências encontradas e descritas abaixo:

a) traços como o nome do *blog*, a “comunidade” que fazem parte ou “comunidade de origem⁶⁵”,

b) o tipo de assunto predominante, os *links* para sites de informações e temas relacionados a crianças (quando a vida começa, Guia do bebê, Netlandia, SmartKids) a feitura do *layout* com enfoque na criança (quando se apresenta a escrevente usa a expressão: “Perfil da Mamãe”, já para apresentar a criança fala-se por exemplo “Perfil da Marina”),

c) A assinatura dos posts ((a) Íris e Pedros (b1) Mamãe Anádia e Nina, Mamãe e Marina, (c1) Mamãe Márcia),

d) gravuras com motes infantis,

e) seção Momentos (onde são apresentadas as fotografias da criança),

f) seção Evolução (apresenta o desenvolvimento da criança: idade, peso e medida).

Embora, como pudemos constatar o pretexto para falar/escrever “legitimado” pelo cenário desta categoria de *blogs* sejam os filhos, é muito comum estas escreventes postarem um texto inteiro apenas narrando fatos estritamente relacionados ao “sujeito mulher”. Deste modo, entendemos que o conflito entre o *falar de si* e o falar dos filhos pode ter sido o que levou duas das três escreventes, cujos *blogs* fazem parte do material de nossa pesquisa, a criarem o segundo *blog* valendo-se para isto de diferentes pretextos, como vimos anteriormente.

Nos *blogs* *Minha história de Emagrecimento e Três em Uma*, a proposta/pretexto para criá-los tem como pano de fundo, motivos diferentes como *acompanhar a história de um emagrecimento*, ou, *ter um cantinho* apenas para si. Mas suspeitamos que o ponto principal seja o entrecruzamento das vozes das diferentes identidades destes sujeitos gerando confusão no momento em que uma das vozes se sobressai causando o sufocamento da outra e/ou causando confusão de vozes do tipo: “quem está falando agora: a mamãe de X ou a mulher”.

⁶⁵ Usamos esta terminologia fazendo alusão aos *links* existentes nos *blogs* referente à nossa pesquisa especificamente, onde estes remetem, normalmente, ao mesmo grupo e/ou categorias de *blogs*.

O capítulo 3 é dedicado ao estudo analítico do *corpus* do material da pesquisa e as considerações finais.

CAPÍTULO 3

IDENTIDADES E PRÁTICAS DISCURSIVAS

Neste capítulo faremos as análises dos excertos que compõem o material da pesquisa, buscando evidenciar as estratégias discursivas utilizada pelas escreventes de *blogs* na tarefa de construção de identidades. Buscaremos evidenciar a vontade de verdade que atinge os discursos produzidos pelos sujeitos escreventes de *blogs*, o funcionamento dos tipos discursivos bem como as marcas lingüísticas que apontam para a busca de um *outro* do sexo feminino. A última parte é dedicada às considerações finais.

3.1 Discurso: lugar de des(construções)

Os sujeitos escreventes de *blogs* usam diferentes estratégias discursivas na tentativa de fixar fronteiras simbólicas, buscando (des)construir velhas / novas identidades.

Como veremos, em um de seus *posts*, a blogueira Íris nos fornece um exemplo da necessidade emergente de pertencer, de assumir uma posição de sujeito ao interagir com os demais interlocutores: (a1) [1] *Ah estou pensando em fazer um fotolog para mim!*(a1) [2] *o que acham?* (a1) [3] *Será legal né...* (a1) [4] *Estou pensando,* (a1) [5] *por aqui todo mundo tem, né!*

Os argumentos usados pela escrevente para justificar o seu desejo de possuir um fotolog se baseiam no fato de que (a1) [5] *por aqui todo mundo tem, né!* Ela não apresenta argumentos que apontam para a utilidade “real” de um *fotolog*. Suas necessidades são “imaginárias”, evidenciando que possuir um *fotolog* significa ter uma atitude que a inclui, que a faz pertencer/continuar pertencendo ao grupo das escreventes que têm um *fotolog*, ressaltando o valor da diferença e do antagonismo na construção da identidade: “ter um *fotolog*” versus “não ter um *fotolog*”.

Em (a1) [2] a escrevente estabelece diálogo com os leitores, buscando a aprovação dos mesmos em relação ao seu comportamento, numa tentativa de validar a sua postura através do olhar do *outro*, uma vez que identidades são construídas através do olhar do outro.

Toda prática social é simbolicamente marcada. As identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições (WOODWARD, 2000, p. 33).

Uma característica fundamental entre a escrita nos diários tradicionais e a escrita nos *blogs* é que, enquanto que nos diários tradicionais os diaristas fazem uma busca de si, se

distanciando “do olhar alheio”, os escreventes dos chamados diários virtuais, procuram “encontrar o outro” através da exposição de si na rede de telecomunicações, conforme Komesu (2005b, p. 173).

Uma perspectiva semelhante, no que diz respeito à constituição das identidades numa relação de conflitos e tensões, encontra-se em Grigoletto (2006, p.16-17), ao afirmar que “as identidades se constituem no espaço da diferença: o outro com aquilo que eu não sou, no meu imaginário, mas sem o qual eu não existo”.

Os excertos seguintes são compostos de pequenos textos em forma de “mensagens” que ficam no início de cada novo *post* enviado pela escrevente no *blog* (b1), e fornece uma marcação prévia do tipo de discurso contido na escrita da bloguista:

(b1) [1] Concebi uma criança ou a criança concebeu-me como mãe? (Carol Van Klompenburg)

(b1) [2] Eu vos tenho amado, diz o Senhor. (Malaquias1:2)

(b1) [3] Nossos filhos estão nos observando viver, e o que somos grita mais alto do que tudo que podemos dizer.(Wilferd A. Peterson)

(b1) [4] Deus abençoe ricamente cada um que por aqui passar!

(b1) [5] “O amor é uma força divina que nos estimula a viver e persistir no que desejamos”

(b1) [6] “uma mãe compreende o que o filho não diz. Provérbio Judáico”

Cabe observar o funcionamento dessas mensagens como mote para a temática desenvolvida nos *posts*: Os filhos, [1], [3], a religiosidade, [2], [4], o amor [2], [5], a maternidade, [1], [6]. A aparente “fidelidade” a uma forma de discurso homogêneo contida na escrita do *blog* (b) quando comparada com a escrita praticada pela mesma escrevente no *blog* (bb), serve como exemplo da descentralização do sujeito numa pluralidade de identidades. Como já foi dito, no segundo *blog* criado e atualizado com a mesma regularidade do *blog* (b), a escrevente fala de assuntos diferentes. No segundo caso é feita a narrativa da “História de Emagrecimento” da autora. As identidades “aqui” são marcadas simbolicamente a partir dos diferentes usos da escrita, das diferentes funções exercidas pela escrita no contexto do *falar de si*: O “eu”, ou a variedade de representações simbólicas dos “eus”, “Os discursos e os sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2000, p.17).

No caso dos blogs analisados é possível constatar outras formas de subjetivação do “eu” como o fato da manutenção de mais de um blog pela mesma escrevente. Das três diaristas, cujos blogs fazem parte do material da nossa pesquisa, duas criaram um segundo para falarem de outras temáticas. Como esclarece uma das blogueiras em (cc2) [2]: *Vou deixar o blog da Bella exclusivo pra a baixinha...*

Uma vez mais convém observar que o espaço anterior, ou, o “lugar” de onde o “sujeito mãe” fala não é adequado para falar o “sujeito mulher”, o “sujeito esposa” ou o “sujeito jornalista”. Em determinados momentos o “sujeito mãe” sente-se incomodado por estar ocupando aquele “lugar”, o espaço de dizer da filha para dizer de outros assuntos que não estão diretamente relacionados à filha ou ao mundo materno. É preciso construir novos “lugares” de se dizer onde se apazigúe os conflitos e tensões reveladas pela convivência de diferentes identidades. É interessante observar ainda que a categoria “sujeito mulher” pode ser desdobrada em subcategorias, como por exemplo, “sujeito mulher em uso de medicamentos” versus “sujeito mulher com problemas de saúde devido ao uso do medicamento”, “sujeito mulher em regime” versus “sujeito mulher com desejo de comer”, “sujeito mulher com necessidades de freqüentar uma academia” versus “sujeito mulher com problemas financeiros”, como podemos ver:

(c1) [1] Frustrada

(c1) [2] Poxa, o post hoje vai ser meio deprezinho tá gente?!

(c1) [3] Acho que preciso de acompanhamento psicológico. (c1) [4] Tive que parar o remédio pra emagrecer - a sibutramina - que o (c1) [5] meu endócrino passou para ajudar a acelerar o metabolismo (por conta do hipotireoidismo) e (c1) [6] perder peso. (c1) [7] Eu havia perdido já 3 quilos, chegando a pesar 57 quilos. (c1) [8] Mas como estava sentindo muitas dores de cabeça por conta do remédio, (c1) [9] parei. (c1) [10] De início já percebi um aumento de apetite, ou melhor, (c1) [11] a necessidade de comer doces. (c1) [12] Nunca tive problema com comida propriamente dita. (c1) [13] Como pouco, (c1) [14] mas adoro chocolates, sorvetes e afins. (c1) [15] Quando estou ansiosa, (c1) [16] tipo com TPM, (c1) [17] aí que desejo comer mais doce mesmo. (c1) [18] Também adoro pão, (c1) [19] mas estou tendo que me contentar com pão integral light. (c1) [20] E isso enjoa.

(c1) [21] Enfim, não estou tendo coragem de fazer nova pesagem, (c1) [22] com medo de ficar mais triste ainda, (c1) [23] caso a balança ultrapasse novamente os 57 quilos. (c1) [24] Poxa, e a minha meta é 55 kg. Ou 57/58 (c1) [25] caso esteja malhando. (c1) [26] E isso é outro detalhe chato. (c1) [27] Ainda não consegui entrar na academia. (c1) [28] Por falta de dindim. (c1) [29] Pobre é F.

(c1) [30] Snif, snif...

(c1) [31] Quero ser magra!!!

É possível dizer que as questões de identidade aqui são vistas como sendo um trabalho de antagonismo, tensão e exclusão. Em [29] a escrevente demonstra raiva de sua condição econômica, em [30] esboça certa tristeza explicitada pela expressão de choro, e em [31] um grito de protesto e indignação por se perceber como uma pessoa gorda. A idéia da existência de posições de sujeito em oposição à qual a diarista se imagina ocupando naquele momento, gera conflitos a ponto da mesma se dizer deprimida e com necessidades de *acompanhamento psicológico*. Sua auto-identificação como sendo um sujeito pobre, triste e acima do peso

“ideal”, é feita ao imaginar que existem pessoas que são ricas e por isso conseguem “entrar na academia [27]”, vindo a se tornarem magras [31] e felizes [30]. Como reflete Woodward (2000, p. 50):

Uma característica comum à maioria dos sistemas de pensamento parece ser, portanto, um compromisso com os dualismos pelos quais a diferença se expressa em termos de oposições cristalinas – natureza/cultura, corpo/mente, paixão/razão. As autoras e autores que criticam a oposição binária argumentam, entretanto, que os termos em oposição recebem uma importância diferencial, de forma que um dos elementos da dicotomia é sempre mais valorizado ou mais forte que o outro.

Cabe ainda observar a relação dos sistemas simbólicos capitalistas por meio dos quais atos de identificação se apóiam, com a maneira de se autoperceber explicitada na escrita da bloguista. Um dos efeitos sentidos pelas sociedades globalizadas na modernidade tardia⁶⁶ é a tentativa de massificação dos sujeitos numa espécie de mercado virtual em potencial. Os signos de beleza que são difundidos e valorizados pela mídia e que definem os padrões de uma determinada época. Neste sentido a “boa forma física” desejada pela escrevente, a vontade de frequentar uma academia pode ser a expressão da pressão exercida pelos meios de comunicação a serviço das indústrias de cosméticos, da moda, e de todo o aparato tecnológico responsável em produzir seres humanos melhorados, aperfeiçoados ou à maneira descrita por Haraway (2000) em “antropologia do ciborgue” onde a autora discute a ausência de limites rígidos que definam o que é homem e o que é máquina:

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é a nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica. Nas tradições da ciência e da política ocidentais (a tradição do capitalismo racista, dominado pelos homens; a tradição do progresso, a tradição da apropriação da natureza como matéria para a produção da cultura; a tradição da reprodução do eu a partir dos reflexos do outro), a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteiras (HARAWAY, [1991]2000, p. 40).

A este respeito descreve também Bauman (2005, p. 90-91), afirmando que na história moderna a natureza humana pode ser permanentemente e infinitamente reinventada, atualizada, alterada, melhorada. Desde as transformações mais imediatas conseguidas com o efeito da escolha da roupa que se vai usar, até mesmo “a forma de seu corpo ou de seu sexo [...] a construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável”. Existe uma infinidade de modelos culturais à disposição. Entendemos que os modelos culturais são

⁶⁶ Segundo Hall (2000 a, p.44), refere-se aos anos sessenta, momento histórico em que emergiram os “novos movimentos sociais”: o feminismo, as lutas raciais, movimento antibelicista.

(des)construídos, e/ou (re)construídos a todo instante e a gosto dos sistemas de produção político e econômico nas sociedades capitalistas. Tendo a mídia como sua porta voz, a todo instante são ditados e disseminados exemplares de biótipos físicos, da moda e valores morais que devem ser admirados e imitados pelos sujeitos. Desta forma as identidades são vistas também como processos de individualização dos sujeitos, visto que na maioria dos casos estes “modelos” construídos culturalmente se constituem de utopias, e como tal não são atingíveis num momento preciso, causando frustrações e conflitos dependendo do modo de como o “eu” são vistos nas diversas posições sociais. Concordando com Hall (2000a, p. 43) podemos dizer que “quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual”. A busca pelo corpo perfeito ou pela melhor aparência, são reflexos dos impactos das maneiras pelas quais os sujeitos imaginam serem vistos por *outros*. O *outro* é o espelho do *eu*, afetando diretamente a construção de sua auto-identificação.

Nesse aspecto é possível fazer uma relação da noção das *condições de produção* do discurso em Pêcheux (1990a) em relação ao imaginário⁶⁷ construído de si (o sujeito escrevente) através do olhar do *outro* (a indústria da beleza, a mídia, outras mulheres). “A antecipação do que o outro vai pensar parece constitutiva de qualquer discurso⁶⁸”. O sentido de discurso definido, especificamente nesta relação, remete às atitudes discursivas responsivas engendradas pelos sujeitos escreventes na forma de diferentes gestos: demonstrar insatisfação com o próprio corpo como em (c1) [31], ou queixar-se de falta de dinheiro para ir a uma academia (c1) [27], (c1) [28], (c1) [29]. Possivelmente a escrevente não está “acima do peso”, pensando em termos de saúde, como é possível observar nas palavras da mesma em (c1) [21], (c1) [22] e (c1) [23].

A insatisfação explicitada pelo sujeito mulher fundamenta-se, provavelmente no imaginário⁶⁹ construído pelo discurso da mídia em relação ao peso ideal para se enquadrar nos padrões de beleza feminina da sociedade capitalista atual.

⁶⁷ Imaginário no sentido empregado por Pêcheux (1990a) ao explicitar as *condições de produção* do discurso, no que se refere à capacidade do “orador” em prever o que o “ouvinte” vai pensar tomando como referência o seu próprio lugar.

⁶⁸ PÊCHEUX, 1990a, p.77.

⁶⁹ Imaginário como memória discursiva (interdiscurso).

3.2 O castelo cor de rosa

Em primeiro lugar, destacamos que o modo de nomear o *blog Íris Mussi Coisas Minhas*, marca de maneira inequívoca a intenção da dona deste em falar de si. Mesmo como é sabido por nós, levando em consideração a temática proposta pela comunidade a qual este blog está direcionado, o objetivo da escrita aqui seria narrar o desenvolvimento dos filhos. Ainda assim, os *posts* feitos pela escrevente são quase que na totalidade sobre banalidades do seu cotidiano. As referências feitas ao filho são, praticamente, de passagem. O foco temático da narrativa é o “mundo” particular da escrevente como podemos constatar em (a2) [2] *Ontem meu dia foi muito bom!* (a2) [3] *Brinquei com meu baby, que está danadinhuu.*

A prática de escrita funciona como um trabalho contínuo, um ritual que consiste em falar do cotidiano, de fatos corriqueiros que são comuns a qualquer (mulher, mãe, estudante, trabalhadora, etc). O estilo de narrar usado pela blogueira funciona como uma *vontade de verdade*⁷⁰ que cruza os discursos. Uma vontade incessante de se apoderar do discurso uma vez que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominações, mas aquilo por que se luta, o poder no qual nos queremos nos apoderar⁷¹”.

Como foi possível constatar através dos arquivos existentes nos blogs, ou através do “passado do blog” (como são comumente designados nos próprios *blogs*), os *blogs Íris Mussi Coisas minhas* e *Nossa História* estão no ar, provavelmente, desde o ano de 2003. Mas é possível que essas escreventes mantivessem a prática de escrita em outros *blogs*, visto que durante as nossas incursões pela blogosfera, encontramos depoimentos de blogueiras que confessaram ter deletado seus *blogs* por várias vezes. Criar um *blog* na rede e fazer atualizações com regularidade, mesmo sem que nada de importante tenha acontecido para se dizer, se justifica dentro de uma lógica de se fabricar “um verdadeiro”: por tanto falar, mesmo sem ter o que falar, um dizer incessante de banalidades, um dizer localizado dentro de um senso comum, como se isso representasse o lugar de um verdadeiro comum nos discursos proferidos por qualquer mulher, cria-se um efeito de sentido de um discurso legítimo. “Assim, só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosa universal⁷²”.

Nos textos postados pela escrevente (a) a vida é apresentada sempre em uma versão positiva: (a1) [24] *Estou feliz, esse mês as coisas estão mais claras para mim, mais especiais,*

⁷⁰ FOUCAULT, 1996, p.19

⁷¹ FOUCAULT, 1996, p.10.

⁷² FOUCAULT, 1996, p.20.

o simples fato de existir, de estar viva me motiva. Os temas narrados nos escritos da mesma provocam um efeito de sentido positivo, funciona como um modelo perfeito da felicidade como que se fosse possível estar sempre feliz.

Mais importante do que o que se tem a dizer é o fazer incessante, a escrita como uma tarefa/rotina mesmo quando não se tem muita coisa a dizer, como evidenciado neste *post*:

(a2) [1] **Bom Dia!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!** Queridas.....
 (a2) [2] *Ontem meu dia foi muito bom!*
 (a2) [3] *Brinquei com meu baby, que está danadinhuuuu...*
 (a2) [4] *Nossa, ontem ele pintou o tempo todo!*
 (a2) [5] *Minha mamy pegou maiscoisas lindas para mim,*
 (a2) [6] *fiquei super feliz!!!!*
 (a2) [7] *Bom, como eu prometi...*
 (a2) [8] *As fotinhas do meu filhinho cortando o cabelinho!!!!*

Os recursos lingüísticos usados pela escrevente mostram “um quase esvaziamento da linguagem⁷³” e o otimismo exagerado é que fica marcado através do uso de expressões como: (a3) [6] *ela é ótima!* (a4) [2] *estou muitooooooooo feliz!!!!!!!!!! e eu nunca fique tanto feliz por isso!!!* (a4) [10] *Estou adorando!!!!!!!!!!!!!!* (a4) [13] *Que benção!* (a4) [14] *Ele foi um anjo!* (a4) [16] *esse milagre!!!!!!!!!!!!!!*

A efeito de comparação fizemos a citação em conjunto de dois textos postados em dias diferentes pela escrevente (a). O tema dos posts é a saúde da blogueira. Vale a pena observar que no primeiro *post* a mesma demonstra-se “ansiosa” com a irregularidade de seu ciclo menstrual, ao qual se refere usando o chavão “bendita”. Já no segundo *post* a escrevente dá a notícia sobre a possível regularização de seus problemas de saúde e de seu ciclo menstrual referindo-se ao acontecimento esperado como “danada”.

(a3) [1] *Oi Amigas,* (a3) [2] *como vocês estão???* (a3) [3] *Está tudo certinho???*
 (a3) [4] *Comigo vai tudo bem!* (a3) [5] *Conheci minha nova médica,* (a3) [6] *ela é ótima!*
 (a3) [7] *Fiz meu teste hormonal ontem e o resultado só sai +ou - dia 19 de Abril.*
 (a3) [8] *Estou ansiosa, mas é normal né!?* (a3) [9] *E loucaaa para a "bendita" descer! Rsr*

[.....]

(a4) [1] *oiiiiie Minhas amigas,* (a4) [2] *estou muitooooooooo feliz!!!!!!!!!!* (a4) [3] *EU POSSO TER MAIS FILHINHOSSSSSS,* (a4) [4] *estou ovulando,*
 (a4) [5] *a "danada" desceu,* (a4) [6] *e eu nunca fique tanto feliz por isso!!! rrsr*
 (a4) [7] *Que irônia do destino!!!* (a4) [8] *Mas também agora é remedinho direeto, sem parar!* (a4) [9] *Comecei a usar ontem Nuvaring!!!!*
 (a4) [10] *Estou adorando!!!!!!!!!!!!!!*
 (a4) [11] *Dia 2 de Maio eu tenho consulta com Dr Miguel, e eu tenho que dar um*

⁷³ KOMESU, 2005b, p. 39.

ABRAÇO nele! Gente... (a4) [12] Foi coisa de Deus ter posto aquele homem no meu caminho... (a4) [13] Que benção! (a4) [14] Ele foi um anjo! (a4) [15] E devo a ele, a papai do céu tb claro, (a4) [16] esse milagre!!!!!!!!!!!!

(a4) [17] Um beijão!!!!!!!!!!!!

Embora a mesma esteja falando de problemas de saúde e uso de medicamentos, (assuntos que normalmente são tratados com seriedade) a escrevente se vale das mesmas expressões verbais que enfatizam o seu estado contínuo de felicidade como é possível constatar em (a4) [8], (a4) [9] e (a4) [10]. Quando conta sobre o médico, diz que precisa (a4) [11] *dar um abraço nele*, (a4) [13] que *ele é uma benção*, (a4) [14] *um anjo*, e que (a4) [15] *deve a ele e ao papai do céu* (a4) [16] *esse milagre*.

O uso excessivo de metáforas, de adjetivos, do sinal de pontuação exclamativo, funciona como recursos de ênfase para o papel do profissional da saúde e o efeito do medicamento. Os fatos por si só não justificariam tais manifestações, visto que a competência dos médicos e a eficácia dos medicamentos são pressupostos lógicos, implícitos na constituição da natureza dos mesmos e esperados por qualquer paciente.

O que se pode observar nos fios da trama discursiva engendrada pela bloguista é a exibição de otimismo na tentativa de se fazer passar aos olhos dos demais como o exemplar da felicidade “verdadeira”. Os conflitos de ordem pessoal e social são evitados e minimizados, e quando não é possível sufocá-los, a bloguista apenas faz menção à evidência de que eles realmente existem, mas que ela não deseja tocar no assunto, como é possível verificar no seguinte *post*:

(a5) [1] Amigas, (a5) [2] acho que não poderia começar melhor o post de hoje, (a5) [3] com a pessoa mais especial da minha vida, (a5) [4] sem dúvida, (a5) [5] quem eu mais me dediquei em todos os sentidos, (a5) [6] afinal "MÃE É MÃE" né!? (a5) [7] Se não fosse ela ... ai ai ai, eu não teria meu amor, (a5) [8] não teria meu tchuquinho... (a5) [9] Não teria nada... (a5) [10] Graças a ela, aos seus conselhos, ao seu colo, seu carinho, sua força, sua garra (a5) [11] eu consegui e estou conseguindo alcançar meus objetivos, (a5) [12] estou conseguindo superar tudo, (a5) [13] criar meu filhinho, (a5) [14] almejar meu casamento, (a5) [15] minha formatura... (a5) [16] Mamy te amo!!! (a5) [17] Meninas, (a5) [18] eu estou bem, (a5) [19] meu filho está ótimo, lindo maravilhoso, meu tchuquinho! (a5) [20] E vocês como estão? (a5) [21] (a5) [22] Espero que tudo esteja bem para todo mundo... (a5) [23] O mundo anda tão complicado né...

Sendo, pois, o discurso definido por Orlandi (2001, p. 63) como “efeito de sentido entre locutores”, chamamos a atenção para as falas (a5) [12], (a5) [23], na tentativa de compreender “a presença do não-dito no que é dito: presença produzida por uma ausência

necessária⁷⁴”. Como mencionamos anteriormente, os escritos dessa bloguista buscam evidenciar apenas o lado “cor de rosa” de sua vida. Mas nem sempre isso é possível porque como se sabe, o discurso é o lugar de confrontos e disputas que abrem brechas onde os sentidos escapam a qualquer forma de controle. Quando a escrevente revela que com a ajuda mãe está (a5) [12] *conseguindo superar tudo*, deixa vazar através do dito, o outro lado não-dito: as dificuldades que a mesma vivencia e que precisam ser superadas. A partir de então “[...] evidencia uma ruptura no fio do discurso. O sujeito escrevente⁷⁵ é tomado por um lapso e ocorre um movimento contraditório no tecido do dizer” (ECKERT-HOFF, 2004, p. 111).

Existem ainda outras leituras possíveis que se pode fazer do texto (a5). Como é possível ver, a escrevente faz um *post* dedicado quase que na totalidade a sua mãe, reconhecendo a importância da mesma para a sua auto-realização em todos os aspectos de sua vida. O excesso de exaltação a figura materna fica comprometido a partir da seqüência discursiva (a5) [6] *afinal "MÃE É MÃE" né!?*

O valor dado a (sua) mãe passa a ser localizado em um lugar comum: (um ser da espécie humana, do sexo feminino, que lhe fez nascer). A importância de sua mãe se justifica porque (a5) [7] *Se não fosse ela ... ai ai ai, eu não teria meu amor*, (a5) [8] *não teria meu tchuquinho...* (a5) [9] *Não teria nada...* Em outras palavras, “se eu não tivesse nascido a minha história não aconteceria”. Partindo dessas reflexões é possível dizer que os elogios endereçados a sua mãe fazem parte das estratégias discursivas criadas pela escrevente para ganhar ainda mais prestígios junto da mãe. Pois como nos lembra Bakhtin (2004, p. 41), “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. Vale a pena lembrar ainda que durante nossas análises, encontramos um comentário da escrevente sobre as reclamações de sua mãe pelo fato da bloguista não ter atualizado o seu *blog*. Isso corrobora a tese de que sua mãe, além de lhe ajudar a cuidar do filho (a5) [13], é também uma de suas leitoras.

Outras evidências que comprovam essas afirmações encontram-se em (a2) [5] *Minha mamy pegou maiscoisas lindas para mim*. A escrevente está se referindo aos recursos textuais (verbal e imagético) que a sua mãe deve ter encontrado enquanto navegava na internet. Esses recursos possivelmente serão usados na feitura de novos *posts* ou no embelezamento de seu *blog*. Nesse caso a mãe seria uma aliada importante e a homenagem funciona como recurso retórico. Um confronto do seu dizer primeiro materializado na forma de homenagem à mãe, com o enunciado: (a5) [23] *(O mundo anda tão complicado né...)* faz emergir um efeito de

⁷⁴ ORLANDI, 2001, p. 60.

⁷⁵ Em HECKERT-HOFF (2004, p. 111), a expressão original é “sujeito-professor”.

sentido que contradiz a seqüência discursiva de um dizer fundado em torno de um sujeito uno, que experimenta apenas felicidade em sua existência. Ao dizer de si, o sujeito escrevente faz uma tentativa de produzir um discurso homogêneo, em torno de um sujeito único, possuidor de uma única identidade. Mas o discurso em suas fissuras o trai, explicitando a impossibilidade dessa unicidade pretendida.

Insistimos em mostrar que essa tentativa de constituição de um discurso homogêneo se fundamenta na vontade de dizer o discurso verdadeiro, valorizado pela sociedade. (FOUCAULT, 1996, p. 14-15). A construção da verdade é feita discursivamente na repetição da temática (o amor, a felicidade, o casamento, a maternidade etc) na retomada dos elementos lingüísticos (*ótimo, lindo maravilhoso, feliz*), das expressões de efeito (*Mamy te amo!!!*). Por tanto repetir torna-se natural, e sendo natural, é, pois, verdadeiro.

3.3 A procura pelo(a) outro(a): de mulher para mulher?

A escritura de si nos *blogs* pressupõe uma atividade de comunicação entre sujeito leitor e sujeito escrevente. Ao produzir os *posts* o blogueiro leva em conta a participação do outro. “A consideração de um interlocutor empírico parece ser traço constitutivo desse gênero do discurso”.⁷⁶ No caso específico dos *blogs* pesquisados por nós, o modo de se dirigir aos leitores marca de maneira particular a referência a leitores do sexo feminino:

(a2) [1] Bom Dia!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! **Queridas.....**
 (a3) [1] Oi **Amigas**,
 (a3) [2] *como vocês estão???*
 (a4) [1] oi!!!! **Minhas amigas**,
 (a4) [2] *estou muitooooooooo feliz!!!!!!!!!!*
 (b7)[1] Olá, **amadas!**
 (b8) [1] Olá **amigas!**(c3) [1]Oi **lindas!**
 (c2) [5]compartilhar aquilo que for possível com **vocês, amigas**, que (c2)
 [6]certamente, passam por situações semelhantes
 (c4) [1] Antes de mais nada, estou muito contente com as **novas amigas** que
 tem vindo me visitar. ..
 (c5)[1] Aproveito pra desejar um final de semana muito abençoado a **todas**
vocês, amigas queridas... (grifos nosso)

A utilização dessas formas lingüísticas de referência faz com que o espaço de interação seja delimitado ao interlocutor do sexo feminino. A estratégia usada visa à adesão de um público constituído de mulheres. Como é possível observar, embora as escreventes almejem alcançar sempre mais que um leitor, como fica marcado na desinência do plural das

⁷⁶ KOMESU, 2005b, p. 227.

formas usadas ao referirem aos interlocutores, a opção definida é por interlocutores que sejam iguais a si próprias, como explica a escrevente: para poder (c2) [5] *compartilhar aquilo que for possível com vocês, amigas, que (c2) [6] certamente, passam por situações semelhantes.* Podemos dizer que existe uma vontade de encontrar os seus “pares” através de pontos de identificação que sirvam de ajustes “na busca de ser inteiro” (EKERT-HOFF, 2004, p.105). Os sujeitos escreventes de *blogs* se movimentam na ilusão de que podem conseguir ser um “ser” inteiro, completo e pleno.

Mesmo o fator primeiro, aquele que motivou essas mulheres a pertencerem a esses grupos de “Mães Blogueiras”, “Mães na Rede”, simbolizam uma tentativa de construir uma identidade plena. Essa tarefa permanente de tentar se dizer para um “outro” que seja parecido com o “eu” “acaba por construir (ilusoriamente) uma identidade de” mulher-mãe (EKERT-HOFF, 2004, p.107). A escrita ritualística nesse contexto de produção adquire outros sentidos localizados no discurso masculino sobre o fazer feminino. Discursivamente, o sentido de (a4)[3] *EU POSSO TER MAIS FILHINHOSSSSSS*, (a4)[4] *estou ovulando*, (a4) [5] *a "danada" desceu*, (a4) [6] *e eu nunca fique tanto feliz por isso*, são ecos de outros discursos sobre o “ser” mulher que afetam a elaboração de seu próprio discurso. O espelho que usa para ver a si própria, (um ser especial, dotado de capacidade para engravidar, dar a luz, de se tornar mulher-mãe), emite imagens de um fazer da mulher construído culturalmente através da história.

Para algumas feministas como MacKinnon interpretada por Haraway (2000, p. 61) a questão da mulher não é ser alienada de seu produto (a propósito da estrutura de classes de Marx). A questão central encontra-se no fato dela não existir enquanto sujeito, visto que “o desejo de um outro e não o trabalho do eu é a origem da mulher.”

Diante dos argumentos de MacKinnon é possível localizar nas suturas dos discursos produzidos pelas escreventes as cicatrizes de outros discursos, a6)[2] *No começo do ano eu escrevi:(a6)[3]¿O QUE ENSINA A BÍBLIA SOBRE O CASAMENTO?¿*. Nos fios do interdiscurso suscitam vozes de outros discursos que tomam forma e se manifestam no desejo de uma unidade identitária para as mulheres.

O gesto dos sujeitos escreventes em buscar um “outro” que seja semelhante ao “eu” funciona como uma ação ideológica de purificação das identidades, um ato expurgatório de outras vozes de outros discursos que possam vir a atrapalhar a unidade da identidade feminina, (como se ela existisse). Os recursos lingüístico-discursivos (c3) [1] *Oi lindas*, funcionam como um mecanismo de interdição do discurso. Significa que não se está falando

para qualquer sujeito internauta, mas para um sujeito (c2) [6] *que certamente, passa por situações semelhantes*, um sujeito que esteja inscrito na ordem do discurso⁷⁷.

A movimentação em torno de um discurso homogêneo visando a uma identidade fixa é possibilitada por uma ação intermediária da memória discursiva, (dos dizeres outros que circulam) sobre a mulher como evidenciado em (a5) [6] *afinal "MÃE É MÃE" né!? A mulher "ideal": aquela que pode dar filhos ao homem, que possui valores morais cristãos, pronta para o casamento, para cuidar da família, uma boa dona de casa.*

A partir dessas reflexões, é possível vislumbrar nos fios do discurso dos sujeitos escreventes uma tentativa de volta às origens do “ser” feminino, ao Jardim do Éden, à “matriz identitária⁷⁸” em busca de completude e inteireza. Ao dizer de si deixa que os sentidos escapem ecoando em forma de vontade de uma identidade única estável e verdadeira, como se existisse.

Cabe ainda observar que os seus dizeres são afetados pelas *condições de produção*⁷⁹ do discurso. Isso significa dizer que as escrevente ao falarem de si imaginam o lugar dos(as) interlocutores(as) a partir dos seus lugares. As mesmas se vêem a partir do olhar do(a) outro(a). Em seus dizeres estão sempre inscritos os dizeres outros. Seus dizeres remetem a discursos que derivam seus sentidos de diferentes formações discursivas como no *post* seguinte:

(a(b1) [1] Concebi uma criança ou a criança concebeu-me como mãe? (Carol Van Klompenburg)(b1) [2] Eu vos tenho amado, diz o Senhor. (Malaquias1:2)(b1) [3] Nossos filhos estão nos observando viver, e o que somos grita mais alto do que tudo que podemos dizer.(Wilferd A. Peterson)6)[3]¿O QUE ENSINA A BÍBLIA SOBRE O CASAMENTO?¿! (a6)[5]¿O SEGREDO DO AMOR¿ a6)[8]EU REALIZEI MEU SONHO! (a6)[9] ¿O QUE DEUS UNIU O HOMEM NÃO SEPARA.¿(a6)[10]Mensagem da Vida (a6)[6]¿CASAR OU NÃO CASAR, EIS A QUESTÃO¿ (a6)[15] somos enfim capazes de construir uma família e,[...]

Como é possível observar nos fragmentos supracitados, o discurso produzido pela bloguista é atingido pelo discurso das instituições religiosa e familiar. Temáticas como o *amor, casamento, sonho, família, bíblia, Deus*, presentes nas seqüências discursivas evidenciam as formações discursivas as quais o discurso dos sujeitos está assujeitado. O falar de si está submetido a uma ideologia constituída por práticas culturais construídas e disseminadas ao longo da história. Os discursos religioso e familiar têm proliferado através dos tempos como um espaço de luta, de disputas por poder e dominação nas relações de

⁷⁷ FOUCAULT, 1996.

⁷⁸ HARAWAY, 2000, p. 54.

⁷⁹ PÊCHEUX, 1990a, p. 77.

gênero. Observamos que no interior dos processos discursivos dos sujeitos escreventes ecoam vozes que evidenciam que “os processos discursivos não têm, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio⁸⁰”. Assim podemos dizer que desse entrecruzamento de vozes das diferentes formações discursivas, emerge um dizer de si do sujeito bloguista que se configura como uma mobilização em busca da plenitude feminina em forma de uma identidade verdadeira. Como indaga Haraway (2000, p. 52), quais são as identidades que fundamentam esse mito político tão potente chamado “nós” e o que pode motivar o nosso envolvimento nessa comunidade?

Como foi possível observar, o discurso de si produzido pelo sujeito mulher é afetado por esses discursos criando a idéia ilusória de uma “categoria mulher”, uma identidade una e estável, o que não é possível. Não existe uma unidade para o conceito do “ser” mulher. Qualquer tentativa neste sentido pode ser entendida como uma atitude de dominação. Mesmo porque, como discutiremos melhor no tópico seguinte, é praticamente impossível se falar em gênero ao se referir às mulheres. Com o objetivo de problematizar a questão Toril Moi (interpretado por Young 2003, on line) propõe a teoria do corpo vivido para “[...] preencher as lacunas deixadas pela categoria de gênero”.

⁸⁰ PÊCHEUX, 1990a, p.77.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nosso trabalho buscamos discutir a prática dos *blogs* como um fenômeno emergente de escrita. Tentamos compreender os diferentes modos que os escreventes de *blogs* encontram para construírem novas identidades visando à busca pelo outro. A esse propósito foi possível verificar que os sujeitos escreventes em questão almejavam um “outro” como reflexo de seu “eu” que fosse semelhantes a si próprios. Neste caso, os interlocutores almejados eram outras mulheres que vivenciassem os mesmos problemas dos sujeitos escreventes em questão. A propósito da busca de construção de novas identidades, verificamos que quando as identidades diversas que coabitam o mesmo sujeito em sua forma individualizada entram em conflitos um segundo *blog* era criado como uma tentativa de diminuir os conflitos.

Procuramos refletir sobre os mecanismos de *interdição* que atingem os discursos de si de mulheres ao longo dos tempos em nossa sociedade e concluímos que os gêneros literários como a escrita autobiográfica, as cartas, memórias, os diários íntimos, têm se mostrado bastante significativos enquanto espaço de movimentação dos discursos femininos.

Em relação aos *blogs*, os mesmos têm se mostrado ainda mais eficientes quando se pensa nos meios de *interdição* que atingem os discursos de mulheres em nossa sociedade. Isto porque não se exige nenhuma identificação para acessá-los e são, em sua grande maioria, de uso gratuito. Basta que se tenha acesso a um computador conectado a rede mundial de comunicação.

A partir das *condições de produção* do discurso, discutimos que os sujeitos escreventes, ao usarem marcas lingüístico-discursivos como (a2) [1] *Bom Dia!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! Queridas.....(a3) [1] Oi Amigas*, (a4) [1] *oiiiiie Minhas amigas*, (a4) [2] *estou muitooooooooo feliz!!!!!!!!!!!!(b7)[1] Olá, amadas* ao se referirem aos interlocutores, fazem como uma forma de delimitação do espaço discursivo. Imaginam os sujeitos escreventes a partir de seus lugares enquanto sujeitos escreventes: mulheres cristãs, que são mães, esposas, estudantes, donas de casa. Pensando ainda nas *condições de produção* dos discursos, buscamos estudar os *blogs*, não como uma transmutação⁸¹ do já consagrado gênero textual diário íntimo para as telas dos computadores. Mas como um fenômeno propiciado pela descontinuidade da história. Neste sentido os *blogs* são entendidos como um fenômeno de práticas discursivas, próprio de uma dada sociedade em um dado momento.

⁸¹ ARAÚJO, 2005, p. 91.

O discurso de si produzido pela escrevente (a) em torno de um “mundinho” feliz revela a *vontade de verdade* que atravessa os discursos nas sociedades. O fato de repetir sempre os mesmo discurso sobre a felicidade e o amor, dentre outros, funciona como um recurso que visa a legitimação de seu dizer. A verdade é alcançada com o efeito da repetição. De tanto falar a mesma coisa, o seu discurso soa como natural. E sendo natural seria verdadeiro.

Ao analisar os discursos produzidos pelos sujeitos mulheres escreventes de *blogs* foi possível flagrar as diversas formações discursivas que atravessam os discursos das mesmas: o discurso religioso patriarcal, da mídia e da família. Ao elaborarem os seus discursos (falar de si) deixam vaziar a presença dos discursos que circulam sobre as mulheres no imaginário social. Quando buscam se enunciar para um público de mulheres na tentativa de (c2) [5] *compartilhar aquilo que for possível com vocês, amigas, que (c2) [6] certamente, passam por situações semelhantes*, evidenciam uma tentativa de construção de uma identidade homogênea, única para o ser mulher, como se fosse possível. Entendemos que essa vontade, na verdade, é uma vontade apregoada pelos discursos masculinos sobre as mulheres.

Entendemos o surgimento dos *blogs* como espaços discursivos situados na contemporaneidade. Queremos dizer que não admitimos os mesmos como uma evolução dos diários tradicionais, o que seria uma análise simplista. Pensamos os *blogs* como um fenômeno outro, próprio de um momento histórico em que se imbricam fatores de ordem econômica, política e social. Se é que podemos fazer comparações, isso não os torna menos importantes que os conhecidos diários íntimos. Muito pelo contrário: como vimos, os mesmos têm se apresentado como um novo espaço de subjetivação dos sujeitos pós-modernos.

No que se refere ao uso dos *blogs* por mulheres X homens, não tivemos acesso a este tipo de dados, visto que esta informação não é relevante para a nossa pesquisa. O que foi possível observar é que as mulheres têm feito uso dos mesmos como um novo espaço de escritura de si, como um lugar de construção de novas identidades. Como genialmente explica Haraway (2000, p.51):

Um mundo de ciborgues pode significar realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas não temam sua estreita afinidade com animais e máquinas, que não temam identidades permanentemente parciais e posições contraditórias.

Em outras palavras, os *blogs* têm se configurado como um lugar próprio para a construção de quantas identidades forem necessárias aos sujeitos mulheres desta sociedade pós-moderna.

Através do nosso estudo foi possível perceber que o fenômeno de escrita de *blogs* precisa ser estudado ainda na perspectivas de outras áreas do saber humano, como a História, a Antropologia, a Sociologia. É preciso avançar além das investigações possibilitadas pelos instrumentos teórico-metodológicos da Análise do Discurso. A prática de escrita neste contexto de produção pode evidenciar fenômenos sociais diversos, peculiares ao momento histórico vivenciado.

Enquanto professora de Língua Portuguesa e Inglesa, o presente estudo contribuiu para a minha prática em sala de aula no sentido de possibilitar um novo olhar sobre as dúvidas suscitadas em relação à prática de escrita na Internet e na escola. Após a penetração da Internet nas diversas esferas da atividade humana, temos assistido ao desespero de professores e pais em relação ao aparecimento de novas formas de expressões escritas nos textos que circulam no meio escolar. Foi possível constatar que não se trata de defender, principalmente, a Língua Portuguesa das ameaças de estruturas lingüísticas advindas da linguagem da Internet.

Tudo leva a crer que o problema maior na comunicação internetiana não está basicamente nos tipos de escrita cheios de abreviações e truncamentos, nem numa escrita quase ideográfica, mas sim nos desafios cognitivos, no acúmulo de informações e na necessidade de maior formação para enfrentar os problemas de compreensão.⁸²

É necessário que nós, os educadores, compreendamos as profundas mudanças ocorridas nas sociedades da Era da Internet e que tem feito surgir a necessidade de se discutir um novo nível de letramento: o letramento “pós-tipográfico” ou *letramento digital*. A questão central não é criticar ou perguntar se é certa ou errada a linguagem internetiana, mas, paralelamente, buscar estratégias didático-metodológicas que possibilitem aos alunos a solidificação da escrita na língua materna nos moldes da variante padrão oficial.

Vale a pena salientar ainda que a escolha dos elementos lingüísticos por essa ou aquela faixa etária, grupos sociais ou tribos, faz parte de todo um processo que visa à busca de construção de identidades. Neste sentido é importante estabelecer limites para o educando, evidenciando que a escrita na Internet acontece em *condições de produção e recepção* especiais. Isto implica o deslocamento de elementos como tempo e espaço na interação no ambiente virtual.

Por último, faz-se necessário ressaltar que a linguagem deve se adequar aos propósitos de comunicação e produção de sentidos. Assim, o importante é ensinar aos alunos as diversas

⁸² MARCUSCHI, 2005, p. 10.

linguagens que circulam em nossa sociedade e incentiva-los a fazerem uso das mesmas em suas práticas discursivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Arthur Vasconcellos. *A notícia que é notícia: o blog jornalístico*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/cos/cps/arquivo/arqs/PDF/colo2004/Ar_Vas.pdf>. Acesso em: 30/04/2006.

ARAÚJO, Júlio César. *A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual*. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. 2. ed. Rio de Janeiro : Lucerna, 2005.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras Incertas: As não-coincidências do dizer*. Campinas, SP : Editora da UNICAMP, 1998. (Coleção Repertórios).

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. feita a partir do francês: Maria Ermantina Galvão G. Pereira . São Paulo : Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10. ed. São Paulo : Hucitec, 2004.

BARBOSA e SILVA, Jan Alyne. *Weblogs: Múltiplas utilizações e um conceito*. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa em Tecnologias da Comunicação e da Informação. XXVI INTERCOM, Belo Horizonte, setembro de 2003. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4758/1/NP8SILVA.pdf>>. Acesso: em 25/06/2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2005.

Blogs. São Paulo, SP : Editora Abril, LOPES, Airton. 2006. Edição 16. (coleção abc info).

Blogger. Disponível em: <<http://www.blogger.com/start>>. Acesso em: 22/10/06

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 7. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2004, p. 96.

CORACINI, Maria José. Identidades múltiplas e sociedade do espetáculo: Impacto das novas tecnologias de comunicação. In: *Práticas identitárias: língua e discurso*. Izabel Magalhães, Maria José Coracini, Marisa Grigoletto. (Org.). São Carlos : Claraluz, 2006.

_____. *A escrita de si na internet: histórias ao acaso e o acaso das histórias*. In: Carme Regine Schons, Tânia M. Kuchenbecker Rösing (Org.) *Questões de escrita*. Passo Fundo : UPF, 2005.

DEL PRIORE, Mary. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org.) *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 6ª tiragem. Rio de Janeiro : Campus, 1997. Capítulo 11, p. 259-274.

ECKERT-HOFF, Beatriz Maria. *O falar de si como (des)construção de identidades e subjetividades no processo de formação do sujeito-professor*. 2004. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino e Aprendizagem de Língua Materna) -Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo : Loyola, 1996.

_____. *O que é um autor?* 4. ed. Tradução de A. F. Cascais e J. B. Miranda. Vega : Passagens, 1977.

_____. *A arqueologia do saber*. Petrópolis, Vozes, 1972.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. Linguagem da internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. 2. ed. Rio de Janeiro : Lucerna, 2005.

GOTLIB, Nádia Battella. *A literatura feita por mulheres no Brasil*. Disponível em: <<http://www.brazil.ox.ac.uk/workingpapers/gotlibFINAL%20PAPER%204wp.htm>> Acesso: 20/04/07.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Foucault e Pêcheux na análise do discurso – *Diálogos & Duelos*. São Carlos, SP : Claraluz, 2004.

_____. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. (Org.) Maria do Rosário Valencise Gregolin. São Carlos : Claraluz, 2003. (Coleção Olhares Oblíquos).

GRIGOLETTO, Marisa. Leitura sobre a identidade: contingência, negatividade e invenção. In: *Práticas identitárias: língua e discurso*. Izabel Magalhães, Maria José Coracini, Marisa Grigoletto. (Org.). São Carlos : Claraluz, 2006.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000a p. 103-33.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz T. Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro : DP&A, 2000b.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: *Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano*. Org. e trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte : Autêntica 2000. (Coleção Estudos Culturais, 5).

HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita. Língua, Sujeito e Discurso*. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 1992. (Coleção Repertórios)

IANNI, Octavio. *A sociedade Global*. 10. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2002.

KOMESU, Fabiana Cristina. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Org.). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. 2. ed. Rio de Janeiro : Lucerna, 2005a.

_____. *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs na internet*. Tese (Doutorado) em Lingüística. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2005b. Orientadora: Profª. Drª. Maria Bernadete Marques Abaurre. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000358660>> Acesso em: 04/02/2006.

_____. Pensar em Hipertexto. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Org.). *Interação na Internet*. Novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro : Lucerna, 2005c.

KUNZRU, Hari. “Você é um ciborgue”: um encontro com Donna Haraway. In: *Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano*. Org. e trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte : Autêntica 2000. (Coleção Estudos Culturais, 5).

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques; BRANDÃO, Eduardo. *A história nova*. 4. ed. São Paulo : Martins Fontes, 2001. 318 p.

Leitura de blogs cresceu 58% nos EUA em 2004, diz pesquisa. *Folha on line*. <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u17773.shtml>> .Acesso em 26/09/06.

LE MONDE diplomatique. Disponível em: <<http://diplo.uol.com.br/imprima720>>. Acesso: em 26/09/06.

LENHART, Amanda & FOX, Susannah. *Bloggers. A portrait of the internet` new storytellers*. Disponível em: <<http://www.pewinternet.org/pdfs/PIP%20Bloggers%20Report%20July%2019%202006.pdf>>. Acesso em: 27/09/2006.

LÉVY, Pierre. 1996. O que é virtual? São Paulo : Editora 34.

LIMA, Márcia Heloísa Tavares de Figueredo. *Marcas discursivas na formação de profissionais de memória*. Disponível em <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/html/IS1420404/>>. Acesso em: 30/04/2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. 2. ed. Rio de Janeiro : Lucerna, 2005.

MATTOS, Laura. *Literatura de programa*: Fenômeno de vendas, livro de Bruna Surfistinha é exportado para vários países, ganha versão no cinema e impulsiona no Brasil filão de diários de ex-prostitutas. Folha Online. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0309200607.htm>>. Acesso em: 09/09/06.

MATTOSO, Guilherme de Queirós. *Internet, jornalismo e weblogs: uma nova alternativa de informação*. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 26/05/06.

MELO, Cristina Teixeira Vieira. A análise do discurso em contraponto à noção de acessibilidade ilimitada da internet. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e Gêneros Digitais*. 2. ed. Rio de Janeiro : Lucerna, 2005.

OLIVEIRA, R. M.C. de. *De onda em onda*: a evolução dos ciberdiários e a simplificação das interfaces. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 26/05/2006.

_____. *Diários públicos, mundos privados*: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade. Dissertação (Mestrado) em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação. Bahia: /s.n./, 2002. Orientador: Prof. Dr. Marcos da Silva Palácios. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 26/05/2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Cidade dos sentidos*. São Paulo : Pontes, 2004. 159 p.

_____. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas, SP : Pontes, 2003. 100 p.

_____. *Discurso e texto*: formação e circulação dos sentidos. São Paulo, Pontes, 2001. 218 p.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). Trad.: Eni Puccinelli Orlandi. In: GADET, F. & HAK. T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad.: Bethânia S. Mariani... [et al.]. Campinas, SP : Editora da UNICAMP, 1990a. p. 61-161.

_____. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, São Paulo : Pontes, 1990b.

Podcasts, Blogs & RSS. São Paulo, SP: Editora Abril, 2005 - Mensal. Edição 22. ISSN 1807-9245. (Coleção Info exame)

_____. *Redes sociais na internet: considerações iniciais*. Trabalho enviado para o Núcleo de Pesquisa (NP-8) de Tecnologias da Comunicação e Informação do IV Encontro dos

Núcleos de Pesquisa da XXVII INTERCOM, a ser realizado em setembro de 2004, em Porto Alegre/RS. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 26/05/2006.

_____. *Warblogs: Os blogs, o jornalismo online e a guerra no Iraque*. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa em Tecnologias da Comunicação e da Informação. XXVI INTERCOM, Belo Horizonte, setembro de 2003. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: 26/05/2006.

RECUERO, Raquel da Cunha. (2002) *Weblogs, Webrings, e Comunidades Virtuais*. Trabalho apresentado no GT de Comunicação e Cultura do VII Seminário Internacional de Comunicação, em setembro de 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>. Acesso Em: 26/05/2006>.

SILVA, Jan Alyne Barbosa. *Weblogs: Múltiplas utilizações e um conceito*. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa em Tecnologias da Comunicação e da Informação. XXVI INTERCOM, Belo Horizonte, setembro de 2003. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/4758/1/NP8SILVA.pdf>>. Acesso em: 25/06/2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do Humano. In: *Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano*. Org. e trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte : Autêntica 2000. (Coleção Estudos Culturais, 5).

_____. A produção Social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*/Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 6ª tiragem. Rio de Janeiro : Campus, 1997. Capítulo 12, p. 275-296.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Autobiographical writing and subjective construction. *Psicol. USP*. [online]. 2003, vol. 14, no. 1 [cited 2007-04-19], pp. 37-64. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000100004&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0103-6564.

The Bobs: the best of the blogs. Disponível em: <http://www.thebobs.com/en_1153214307061884SQCELVUT_1.htm>. Acesso em: 23/10/06.

Uol Blog. Disponível em: <<http://blog.uol.com.br/>>. Acesso em: 22/10/06.

Uol Tecnologias. *China quer obrigar internauta a usar nome real ao criar blog* Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/ultnot/reuters/2006/10/23/ult3949u278.jhtm>>. Acesso em: 23/10/06.

Uol Tcnologias. *Concurso de blogs entra em fase final; UOL concorre com quatro sites*. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/ultnot/2006/10/23/ult2870u139.jhtm>>. Acesso em: 23/10/2006.

VIEIRA, Lúta Lerche. Tendências em Pesquisas em Gêneros Digitais: Focalizando a Relação Oralidade/Escrita. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Org.) *Interação na Internet*. Novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro : Lucerna, 2005.

Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>>. Acesso em: 25/09/06.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*/Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

Revista Época Edição 428 - 31/07/2006. Disponível em: <<http://www.marketingterms.com/dictionary/blog/>>. Acesso em: 23/09/2006

YOUNG, Íris Marion. Corpo Vivido vs. Gênero: Reflexões sobre Estrutura Social e Subjetividade. Tradução : Roberta Barbosa. *labrys, estudos feministas* número 3, janeiro/ julho 2003. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys3/web/bras/young1.htm>> Acesso em: 19/04/07

ANEXO

BLOG ÍRIS MUSSI COISAS MINHAS

DATA DE CRIAÇÃO: SETEMBRO 2003

	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAI	JUN	JUL	AGOS	SET	OUT	NOV	DEZ
2003												
2004												
2005												
2006												

LEGENDA

ATUALIZADO

NÃO

ATUALIZADO

SITUAÇÃO NO FINAL DA PESQUISA:NO AR

BLOG NOSSA HISTÓRIA

DATA DE CRIAÇÃO: AGOSTO DE 2003

	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAI	JUN	JUL	AGOS	SET	OUT	NOV	DEZ
2003												
2004												
2005												
2006												

LEGENDA

ATUALIZADO

NÃO ATUALIZADO

SITUAÇÃO NO FINAL DA PESQUISA:NO AR

BLOGO MINHA HISTÓRIA DE EMAGRECIMENTO

DATA DE CRIAÇÃO: DEZEMBRO DE 2006

	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAI	JUN	JUL	AGOS	SET	OUT	NOV	DEZ
2006												

LEGENDA

ATUALIZADO

NÃO ATUALIZADO

SITUAÇÃO NO FINAL DA PESQUISA:NO AR

BLOG ISABELLA O SONHO MAIS LINDO

DATA DE CRIAÇÃO: FEVEREIRO DE 2006

	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAI	JUN	JUL	AGOS	SET	OUT	NOV	DEZ
2006												

LEGENDA

ATUALIZADO NÃO ATUALIZADO 

SITUAÇÃO NO FINAL DA PESQUISA:NO AR

BLOG TRÊS EM UMA

DATA DE CRIAÇÃO: OUTUBRO DE 2006

	JAN	FEV	MAR	ABRIL	MAI	JUN	JUL	AGOS	SET	OUT	NOV	DEZ
2006												

LEGENDA

ATUALIZADO NÃO ATUALIZADO 

SITUAÇÃO NO FINAL DA PESQUISA:NO AR